

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 12

Dezembro de 1916

Ano LXVIII

Director, proprietario e editor — Empreza da *Revista Militar*

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL
pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diário de Noticias, 110 — Lisboa

BATALHA DE VERDUN ¹

(Segundo a versão francesa)

De 17 de Agosto a 10 de Setembro

Os alemães tentam reconquistar Fleury e os franceses Thiaumont

Na tarde de 18 de Agosto e na margem esquerda do Mosa, tentaram os alemães, por duas vezes, ataques á granada contra o reducto do bosque de Avocourt e contra a cota 304.

Repelidos em ambos, não voltaram a repetir quaisquer ataques sobre as posições desta margem, onde até o fim do mês houve relativa tranquilidade.

Pelo contrário, sôbre a margem direita a luta manteve-se activa e pertinaz durante quasi todos os dias, em torno de Fleury e de Thiaumont.

Em 17 e 18, os franceses, tendo tomado a ofensiva, expulsaram os alemães da parte da povoação de Fleury, que estes ultimos ainda ocupavam e onde defenderam encarniçadamente uma a uma as desmanteladas casas da misera aldeia, executando tambem dois furiosos contra-ataques.

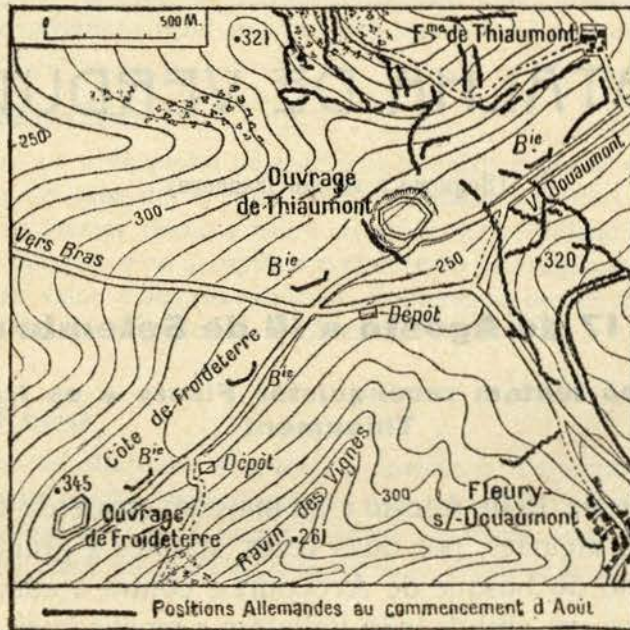
Durante a noite de 19/20, depois de prolongado bombardeamento, os alemães efectuaram um assalto, com extrema violencia, sôbre a povoação, mas foram forçados a retroceder, tendo sofrido grandes perdas.

Na tarde de 20, voltaram novamente á carga, fazendo-se

¹ Continuado de pag. 752.

preceder de jactos de liquidos inflamados, mas mais uma vez foram repelidos.

Por seu lado, os franceses atacaram as posições adversas em Thiaumont e em 18 apoderaram-se de dois reductos proximos da obra daquele nome.



Carta da região de Thiaumont,

com indicação das obras de Thiaumont e de Frolde Terre, granja de Thiaumont e aldeia de Fleury

Igualmente conseguiram ganhar algum terreno, avançando através do bosque de Chapitre, na direcção do forte de Vaux.

Entretanto, os alemães continuaram atacando quasi diariamente Fleury e ainda as posições francesas da região de Thiaumont.

Em 24, os franceses, depois de terem repellido os assaltos do inimigo, conseguiram progredir a E. de Fleury, em seguida a um combate violento que lhes rendeu 300 prisioneiros.

Em 28, realizaram os alemães dois novos ataques contra Fleury e sobre o caminho que conduz ao forte de Vaux, ataques que foram malogrados e lhes motivaram numerosas baixas.

Ao começar o mês de Setembro, a situação mantinha-se sem alteração, isto é, os alemães, obstinando-se contra os mesmos objectivos, Fleury e linhas de Thiaumont, continuavam bombardeando e atacando essas posições.

Os franceses logravam repelir todos os ataques e passavam por sua vez á ofensiva, perseguindo o inimigo quando ele batia em retirada.

A 3 de Setembro, tomaram os franceses varias trincheiras e uma obra importante, tudo a E. de Fleury. Outro movimento ofensivo fê-los progredir e ganhar algum terreno do lado de Thiaumont.

Estas acções renderam aos franceses mais de 400 prisioneiros.

A estes exitos, responderam os alemães atacando as posições adversas no bosque de Vaux-Chapitre e, naquele mesmo dia 3 de Setembro, lograram estabelecer-se num dos angulos do bosque, embora á custa de grandes perdas.

Na tarde do dia 5, ainda os alemães fizeram mais uma tentativa para recuperar a posse de Fleury, mas, uma vez mais tambem, os defensores repeliram victoriosamente o ataque.

Passando á ofensiva, os franceses, ao cair da noite do dia 6, atingiram as posições alemãs na frente dos bosques de Vaux-Chapitre e Chênois, e, tendo-se apoderado de toda a primeira linha das trincheiras adversas, numa extensão de 1:500 metros, conseguiram ainda fazer 280 prisioneiros.

A 8 e 9, repeliram dois ataques alemães e na tarde deste ultimo dia e a E. de Fleury, conseguiram conquistar varias trincheiras adversas e fazer 300 prisioneiros, repelindo ainda com vantagem um immediato retorno ofensivo dos alemães.

*
* *

Por esta época havia começado a desenvolver-se a grande ofensiva franco-britanica na Picardia, a N. e S. do Somme, e pode dizer-se que desde então a actividade dos alemães, já quasi extinta de ha tempo na margem esquerda do Mosa, paralisou tambem na zona da margem direita.

E' evidente que a denominada batalha ou cerco de Verdun

se não pode considerar como terminada¹; o canhão continuava troando uma vez por outra, como uma por outra vez a infantaria dá rumor de si.

As condições da luta modificaram-se, porém, notavelmente. A ofensiva alemã desde fins de Agosto, é mais rara, executada com menores efectivos, não tem já o caracter de extrema violencia e de inabalavel perseverança que antes revestira. Pelo contrario, são agora os franceses que mais frequentemente tomam a ofensiva e mantêm a actividade da luta no sector de Verdun.

Um official francês, André Tardieu, que combatera em Verdun, visitando no começo de Setembro o campo de batalha, escreve o seguinte:

«A seis mêses de distancia, voltei a vêr o campo de batalha de Verdun; actor em Março, espectador em Setembro. O silencio acentúa o revez do agressor.

«O Mort-Homme e a colina 304 destacavam-se no primeiro plano. Sobre o terreno rasgado, revolvido, morto, nem uma só explosão; ao longe, para os lados de Froide Terre e de Souville, algumas nuvens de fumo escuro revelavam uma artilharia exausta. Quando o combate se reacende para as bandas de Vaux-Chapitre e Reteignebois, somos nós, franceses, que o provocamos. Foram necessarias perto de trinta semanas, mas o resultado desejado foi atingido».

Se não fôsse a pertinaz e heroica resistencia dos franceses em Verdun, possivel é que a sorte da guerra estivesse já, senão perdida, pelo menos gravemente comprometida para os aliados.

*

* * *

Homenagem á heroica cidade de Verdun

No dia 13 de Setembro, realizou-se em Verdun, ou, mais exactamente, sob as suas ruinas, uma comovente cerimonia: o Presidente da Republica Francesa, M. Poincaré, ia transmi-

¹ A batalha de Verdun reacendeu-se em 24 de Outubro e com notavel exito para uma violenta ofensiva dos franceses.

tir á gloriosa cidade, as homenagens de admiração que os aliados da França e a propria França lhe haviam concedido.

E' ao Czar da Russia que cabe a honra de ter sido o primeiro a lembrar-se de reconhecer o heroismo desenvolvido pelos soldados franceses em volta dos muros da fortaleza que os alemães, por assim dizer, consagraram como o baluarte da França. Foi ele o primeiro que decidiu outorgar á heroica cidade a mais elevada distinção militar de que a Russia dispõe — a cruz de S. Jorge.

Todos os soberanos aliados imitaram com entusiasmo esse exemplo.

O governo da Republica Francesa, pela sua parte, tinha resolvido acrescentar ao brazão de armas de Verdun a cruz da Legião de Honra.

No relatorio datado de 29 de Agosto e pelo qual o Ministro da Guerra francês submetia á sanção do chefe do Estado o decreto em que concede áquella cidade tão nobre distinção, lêem-se as seguintes lisongeiras e bem merecidas palavras:

«Desde 21 de Fevereiro ultimo a cidade de Verdun, na sua inabalavel resolução de manter inviolado o seu solo, opõe ao exercito do invasor uma resistencia que causa a admiração de todo o mundo.

«O maravilhoso heroismo dos seus defensores, unido á firmeza de animo da população civil, tornou para sempre illustre o nome dessa valorosa cidade.

«E' dever do Governo da Republica proclamar que a cidade de Verdun bem mereceu da Patria».

A cerimonia da entrega das insignias concedidas á cidade pela França e pelos aliados, efectuou-se nas vastas casamatas da propria fortaleza, longas salas abobadadas, mal esclarecidas pela fraca luz que penetra por portas estreitas como seteiras, corredores sombrios, como um *in pace*, cujas extremidades se perdem nas trevas, apenas de longe a longe dissipadas pelo brilho das lampadas electricas.

Acompanhado pelos Ministros da Guerra, general Roques, e do Interior, M. Malvy, pelos generais Joffre, Pétain, Nivelles e Dubois, além de outros personagens officiais da Republica, o Presidente Poincaré entrou na cidadela levando tambem no seu sequito os representantes dos governos e exercitos aliados: general Gilinsky, pela Russia; general Sir A. Paget, pela Grã-

Bretanha; general di Breganze, pela Italia; general Stefanovitch pela Servia; general Gvosvitch, pelo Montenegro e major Monschaert, pela Belgica.

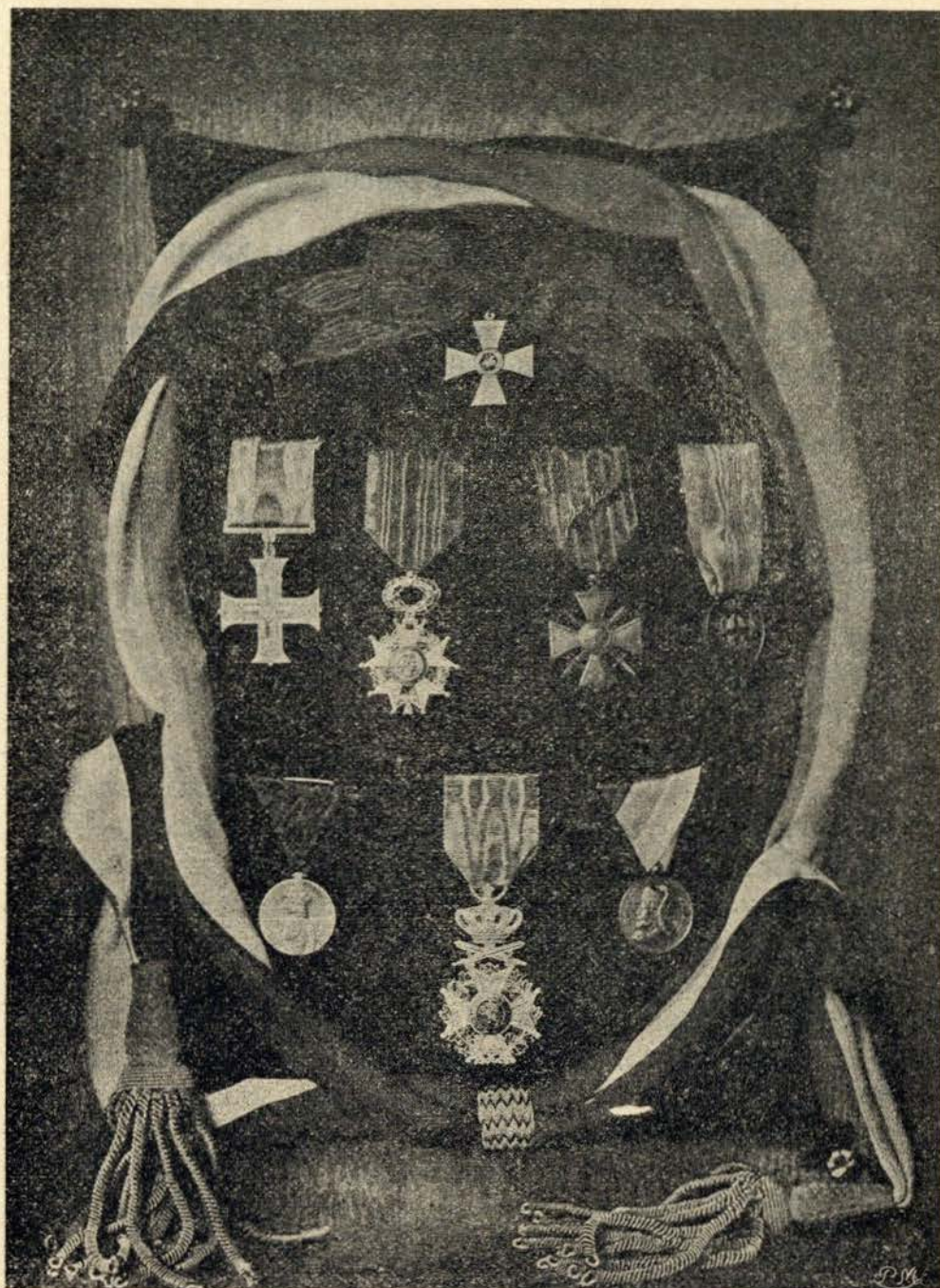
Entre duas alas de soldados do Batalhão n.º 49 de Caçadores, o Presidente percorreu varias casamatas até chegar a uma galeria mais larga, adornada e devidamente preparada para a solenidade.

Foi ali que, depois de ter pronunciado um dos seus mais impressionantes discursos — segundo assevera a publicação francesa donde extraímos esta noticia — verdadeira peça oratoria vibrante de patriotismo e que ao proprio país e a todo o mundo revelou factos do mais alto interesse historico, foi ali que M. Poincaré pregou sôbre um precioso coxim de veludo escarlata, circundado de uma faixa de seda tricolor, as insignias das varias ordens militares concedidas á cidade de Verdun.

Em primeiro lugar, e em nome do Imperador da Russia, a cruz de S. Jorge, em esmalte branco e pendente de fita preta e alaranjada; depois, em nome do Rei de Inglaterra, a *Military Cross*, a cruz militar de prata, com fita branca e violeta; em seguida a Legião de Honra e a Cruz de guerra francesa; depois a medalha de ouro do Valor Militar com as armas da casa de Saboia e a legenda: "*Alla citta di Verdun 1916*" enviada pelo Rei de Italia; a medalha de ouro da Bravura Militar da Servia, pendente de fita vermelha; em nome do Rei dos Belgas a Cruz de Leopoldo I, com a sua fita côr de amaranto e finalmente, em nome do Rei do Montenegro, a medalha de ouro *Obilitch*, cuja fita tem as côres nacionais vermelho, azul e branco.

Este precioso trofeu foi exposto alguns dias mais tarde ao público, em Paris, na séde da *mairie* provisoria de Verdun, e, segundo noticia o mesmo jornal francês, vai ainda em breve ser enriquecido, pois que o governo do Rei da Romenia e o *da Republica Portuguesa* decidiram enviar tambem a sua homenagem de admiração a Verdun, e o Japão fez presente á heroica cidade, de um sabre de honra, a antiga e venerada arma dos Samurã.

Uma testemunha ocular da cerimonia realizada nas casamatas de Verdun, declarou que: "o que havia de mais belo nessa reunião subterranea era o que ali se não via, isto é, o pensamento do que tinha ocorrido e se passava ainda por cima



As condecorações de Verdun

O coxim de veludo, cercado por uma faixa tricolor, sobre o qual o Presidente da Republica Francesa pregou as cruzes e medalhas conferidas à cidade de Verdun pela França e pelos Aliados

(Ao alto a Cruz de S. Jorge; a seguir, da esquerda para a direita, a *Military Cross* britânica, Cruz da Legião de Honra, Cruz de Guerra francesa.

Medalha do Valor Militar da Italia, Medalha de ouro da Bravura Militar da Servia, Cruz belga de Leopoldo I e a Medalha de ouro *Obilitch* do Montenegro)

A GUERRA EUROPEIA

OS EXERCITOS BELIGERANTES

Austria-Hungria

O organismo politico e o exercito

A Austria-Hungria é um estado, ao qual nenhum outro da Europa se assemelha. Compõe-se de povos diversos, dos quais, os principais são os alemães da Austria, em numero de 11 milhões, e os húngaros, cujo total é de 10 milhões. A Austria e a Hungria formam um só país pelo facto de possuirem um unico soberano e algumas instituições comuns, divergindo porém, em muitas das suas leis e dos seus costumes, cujo espirito e interesses nem sempre se harmonisam.

Ora, prefazendo os alemães da Austria e os húngaros 21 milhões e, contando o estado austro-hungaro 50 milhões de habitantes, é certo que aqueles estão em maioria, e o resto é constituído por povos, ou por fragmentos de povos, submetidos á Austria, ou á Hungria, mas muito diferentes entre si, e diferentes tambem dos naturais daquelas duas monarquias, aos quais detestam, pela opressão que lhes sofrem.

A guerra actual tem demonstrado bem as dissenções profundas que existem nestes países; aparentemente encontram-se estreitamente unidos, mas de entre os povos submetidos, sómente os polonezes da Galicia, em numero de 5 milhões, se tornaram doces á Austria, ou antes, conservam-se numa attitude indecisa. Todas as outras populações submetidas, isto é, mais de 24 milhões de homens, inimigos irreconciliaveis dos seus senhores e opressores, desejam a destruição das duas monarquias unidas, para o que, no decurso desta guerra, teem trabalhado tanto quanto teem podido.

Com efeito, a defecção dos regimentos tchéques ou croatas, foi uma das causas dos sucessos dos servios e dos russos

em 1914 e principios de 1915. Dois regimentos tchéques, o 18.º e o 36.º, tiveram de ser licenceados em consequencia da sua attitude em frente do inimigo; o numero enorme de prisioneiros feito pelos russos, um milhão de homens, explica-se pela circumstancia de que grande parte desses homens procuraram a ocasião de se entregarem.

O governo austro-hungaro teve de adoptar as mais rigorosas medidas contra os dessidentes e rebeldes; na Bohemia, na Croacia, na Dalmacia e na Bosnia, um grande numero de notaveis homens politicos foram executados; outros ou foram encarcerados, ou fugiram. A prolongação da guerra, a antecipação da idade de mobilisação, a chamada das classes isentas, não podem deixar de aumentar o odio das populações sujeitas contra os seus opressores, aos quais desejariam ver exterminados, mas que os obrigam a combater em seu lugar. A Austria-Hungria não póde, pois, de forma alguma, comparar-se ao imperio alemão, sob o ponto de vista do poder militar; no entanto dispõe de forças consideraveis.

Os efectivos do exercito austro-hungaro

No principio da guerra as forças austro-hungaras compunham-se de 16 corpos de exercito de 2 a 3 divisões, na totalidade de 50 divisões de infantaria e 11 divisões de cavalaria independente a 4 regimentos.

A parte do contingente, anualmente incorporada, era de 220 a 230.000 homens: 170.000 recebiam uma instrução completa; 50 a 60.000 eram apenas sumariamente exercitados, constituindo a *Ersatz-Reserve*. O efectivo completo era de cerca de 450.000 homens e o serviço tinha a duração de dois anos.

Em tempo de guerra, a estas duas classes vinham ajuntar-se mais onze de reserva e da *Ersatz-Reserve* (dos vinte e tres aos trinta anos) e dez classes da *Landsturm* (dos trinta e quatro aos quarenta e tres anos), ou seja, na totalidade, um pouco menos de quatro milhões de homens.

Mas estes quatro milhões não representavam a totalidade das forças disponíveis. Na Austria, como na Alemanha, razões orçamentais impediam a utilização integral do contingente anual, que era de 500.000 homens. Todos os recenseados que,

sem serem completamente inaptos para o serviço, possuíam apenas aptidões mediocres, constituíam uma parte especial do contingente que era dispensada, em tempo de paz, de todas as obrigações militares, não recebendo instrução alguma, mas podendo ser chamada em tempo de guerra, se essa necessidade se fizesse sentir. Esta organização é idêntica á do *landsturm* não exercitado dos alemães.

A Austria-Hungria possuía, pois, no começo da guerra, grandes recursos latentes, que podiam permitir-lhe entreter e renovar largamente os seus exercitos.

Diminuição dos efectivos

Apesar do que deixamos dito, a Austria-Hungria não está longe de se ver em dificuldades pelas importantes perdas que tem sofrido as suas tropas. Desde o começo da guerra que se tem visto obrigada a combater simultaneamente em varias frentes: primeiro na Servia e na Russia; depois, quando o teatro da guerra se tornou momentaneamente menos activo, a Italia entrou em acção; a partir do mez de maio de 1915 teve de participar na ofensiva contra os russos e, mais recentemente, nas ultimas operações contra os servios.

Não ha duvida que as suas perdas tem sido excepcionalmente pesadas; as primeiras operações contra a Russia e contra a Servia constituiram um verdadeiro desastre. Desapareceram unidades quasi completas, as quais foi necessario renovar completamente varias vezes. Como já dissemos, o numero de prisioneiros feitos pelos russos excede um milhão de homens; sómente os servios pelo seu lado apoderaram-se de 60.000.

Os factos que deixamos apontados permitem-nos já presumir que as reservas do exercito austro-hungaro devem achar-se gravemente comprometidas, mas esta presunção de-verá em breve transformar-se em certeza. . .

Para conservar completos os regimentos na linha de combate organisou-se, proximamente ao centro de cada um deles, um batalhão de deposito, chamado *Ersatz-Bataillon*.

Este batalhão é formado de 2.000 homens (4 companhias de 500 homens cada uma). Todos os mezes é mandada para a frente de batalha metade do seu efectivo, ou sejam 1.000

Em qualquer ocasião, quando não se pode contar com um apoio satisfatório daquelas armas, tem a infantaria de experimentar perdas enormes antes de poder chegar á curta distancia que torne possivel o uso da baioneta e a granada de mão.

Os unicos meios de que se dispõe para diminuir essas perdas, são: aproveitamento inteligente do terreno e formações adequadas, reunidas a uma grande rapidês nos movimentos.

Oficiais e sargentos no combate ofensivo

Um combate conduzido segundo as exigencias de hoje, põe o moral das tropas, sobretudo da infantaria, em muito dura prova e por conseguinte, a poderosa influencia moral dos oficiais, sargentos e cabos. é mais precisa do que nuuca, para manter a disciplina e resistir á influencia dos elementos menos decididos. Por esta razão, é indispensavel para compreender aos oficiais e praças que é grave falta exporem-se *inutilmente* ao perigo.

Isto torna-se mais necessario, desde que ambos os beligerantes tenham dado instruções especiais para atirar primeiro sobre os oficiais e sargentos.

Os comandantes de pelotão ou de esquadra, que para fazerem alarde de valor, permanecem de pé ou ajoelhados na linha de atiradores, ou se colocam na frente das suas tropas para as animar por meio de grandes movimentos dos braços, pertencem á tactica antiga.

Os comandantes das pequenas unidades, colocam-se agora sempre na linha dos seus soldados e avançando com eles.

De fonte de absoluta confiança, recebemos a noticia de que os oficiais da infantaria alemã já não avançam deante das suas tropas, mas que se deslocam na mesma linha, afim de não se separarem das tropas, e levam geralmente uma espingarda na mão.

É evidente, que estas medidas não dão resultado se os oficiais e sargentos uzarem um uniforme que se distinga perfeitamente dos soldados. No exercito alemão reagiu-se muito energicamente contra os distintivos vistosos e uma das ultimas ordens imperiais expressavam-se muito decididamente nesse sentido. (Outubro 1915).

A condução do fogo

Outra questão não menos importante, é a maneira de proceder para facilitar a verdadeira e inergica condução do fogo que devem fazer executar os comandantes de pelotão e de esquadra.

A julgar por experiencias recentes, é evidente que nos nossos exercicios de paz se exagera a actividade destes ultimos, pelo menos na ofensiva.

Transmitir ordens em voz baixa de homem para homem na linha de fogo é uma forma de comunicação propria em um combate moderno.

As ordens assim transmitidas, não chegarão mais além dos dois ou três homens mais proximos de quem as dá e isso só se elas tiverem sido compreendidas pelo primeiro, o que muitas vezes não sucede.

A consequencia disto, é que deve tomar-se muito em conta, ao educar e instruir os atiradores, que o soldado no moderno combate de fogo, fica quasi sempre entregue á sua propria iniciativa.

pos de batalha talvez em dezembro de 1915, ou janeiro de 1916. A nossa classe de 1917 conserva-se ainda nos depósitos.

Mas esses batalhões não eram unicamente constituídos pelos elementos tirados das novas classes; o 15.º, 16.º e 17.º batalhões compunham-se também de homens do *landsturm não instruído*, pertencentes às classes 1898-1910 e 1912-1914. Ora, não sómente o *landsturm não instruído* conta apenas, em princípio, homens fisicamente mediocres, mas ainda, aqueles que tinham servido para formar esses batalhões de marcha, não haviam sido recuperados, senão depois de uma segunda revisão, tendo sido na primeira declarados insuficientes.

Finalmente para os 19.ºs batalhões, houve necessidade de recorrer ao *landsturm não instruído* de 1895-1897 e de 1901-1915, que tinha sido chamado em novembro de 1915.

Numa palavra, esses batalhões compunham-se ou de manebos muito novos, ou de elementos, cujo valor militar é bastante fraco, o que constitue a melhor prova de que a Austria-Hungria chegou ao limite extremo, relativamente aos recursos do que dispõe.

Forças disponíveis actualmente

Nos depósitos restam apenas o *landsturm não instruído* de 1890 e 1891, chamado em 17 de janeiro de 1916, e o *landsturm não instruído* de 1888 e 1889, chamado em 21 de fevereiro.

Nos serviços da retaguarda são empregadas as classes de 1885 a 1887.

Desde o outôno de 1915, viram-se na necessidade de lançar mão de recursos novos, chamando ao serviço homens que, segundo as leis até então em vigor, haviam já cumprido todas as suas obrigações militares. E por isso se veem actualmente, nas formações do interior, quinquagenarios, cujos compromissos militares deveriam findar regularmente aos quarenta e tres anos.

Ha já algum tempo que se anuncia, como proxima, a chamada da classe de 1918 e das classes de 1881 a 1885, isto é, de homens que contam de cincoenta e um a cincoenta e cinco anos de idade!

Apesar de todos estes expedientes, os batalhões de mar-

cha, que chegam á frente de batalha não teem ultimamente, segundo parece, a seu efectivo habitual.

Em setembro de 1915, uma ordem do dia do general Conrad von Hötzendorf, que foi apanhada aos prisioneiros, prescrevia que se empregassem todos os cuidados em poupar os homens. Daqui se depreende, pois, a extrema penuria de recursos, de que se achavam ameaçados os depositos e, apesar de todas as precauções tomadas, este inconveniente não tem podido ser conjurado.

Impossibilidade de formar unidades novas

Compreende-se que, nestas condições, a Austria-Hungria se veja em face de dificuldades insuperaveis para formar unidades novas, dificuldades que claramente se revelam desde o começo das hostilidades.

Em tempo de paz, o exercito austro-hungaro compunha-se, como já dissemos, de 50 divisões; no principio da guerra este numero foi aumentado com mais 16 e meia divisões e a seguir a sua totalidade passou a ser de 72, que são as actualmente existentes, isto é, se, naquele momento, em pé de paz, o exercito austro-hungaro compreendia 688 batalhões, presentemente conta cerca de mil nas diversas frentes de batalha, o que demonstra que não conseguiu duplicar o numero das suas unidades de infantaria, ao passo que a Alemanha logrou ver organisadas mais do triplo das suas. Não apresentaram creações novas, a não ser na artilharia pesada (obuzes de campanha, obuzes pesadas e morteiros).

Apresental-as-hão no futuro? O que se sabe relativamente á pobreza de recursos em homens torna esta hipótese pouco verosimil.

Conclusão

Em resumo, a Austria-Hungria dá todos os sinais de um incontestavel esgotamento, não havendo necessidade de perguntar quando chegará ao limite extremo, porque já o ultrapassou. Para se aguentar precisa já fazer apello aos muito novos, aos fracos e aos velhos.

Em breve demonstraremos que o seu esgotamento financeiro é tambem temeroso.

Se, a todos estes factos, se ajuntar a ausencia da unidade moral, de que sofre o imperio austro-hungaro e as divisões que o paralisam, comprehender-se-ha que, sem o auxilio que lhe tem prestado a Alemanha, ele teria, desde ha muito, succumbido. Demais, o proprio imperio julgava tão indispensavel esta coadjuvação, que achou não a pagar muito caro, comprando-a pelo preço da sua independencia militar. Com effeito, hoje o exercito austro-hungaro não possui a iniciativa dos seus movimentos; quem a dirige é o estado maior alemão. A altiva monarchia dos Habsburgo tornou-se militarmente a vassala da sua aliada.

Esta situação prolongar-se-ha sem limites? Não se póde conceber como é que a Alemanha, que enfraquece e se esgota a si propria, conseguirá contrabalançar indefinidamente os effeitos do esgotamento austriaco, que, já muito pronunciado, irá decerto sucessivamente agravando-se.

General MALLETERRE

(Extraído da publicação: „*Lectures pour tous—Lettres a tous les français*”, —por F. DE MAGALHÃES.

(*Continúa*).



A GUERRA DE TRINCHEIRA

A especial natureza do conflito armado a que assistimos em pleno século XX e em que se degladiam as grandes potências europeias, que apoz si arrastaram outras secundarias; os enormes efectivos que, por este facto, se encontram em presença em todas as frentes da velha Europa Central, são as primordiais causas justificativas da inesperada feição da actual guerra.

Com tais massas, operando em tão extensas frentes, a guerra de movimento substituiu-se pela guerra de posição, os principios napoleonicos cederam o lugar aos principios da época de Luiz XIV, de Vauban e de Louvois.

Deu-se, pois, um retrocesso. O *corsi e ricorsi* mais uma vez se assinala na historia e desta feita até quasi à Idade Media.

A impossibilidade de realização das grandes manobras classicas da estrategia, maduramente pensadas, levaram à conquista palmo a palmo, do terreno, feita à custa de simples ataques de frente os quais, por custarem muitas vidas, impuseram a larga utilização dos entrincheiramentos de campanha, numa constante guerra de sapas e de minas, servida por todos os modernos meios que o progresso da nossa civilização põe ao dispor do engenho humano.

À par dos velhos processos de assedio, resuscitados após onze séculos, embora aperfeiçoados, e em que os morteiros de trincheira, as granadas de mão e muitos outros engenhos, são os sucedaneos das catapultas, das fundas, etc., as peças de grande calibre, os 32 e os 45, os gazes asfixiantes e lacrimogenios, as barragens de chamas, etc., fizeram a sua mortifera aparição.

O combate a distancia tornou-se quasi um mero incidente, praticado na conveniente preparação da luta proxima, nos *corps à corps* muito frequentes, e só com o concurso dos quais,

podemos dizer, se consegue a ambicionada conquista de algumas dezenas de metros no avanço.

Naturalmente, pois, por uma necessidade propria da marcha por onde as operações encarreiraram, passadas as subitas irrupções alemãs na Belgica e Norte da França, caiu-se na guerra de trincheira, com a qual se procurou crear uma situação, tanto quanto possivel segura, para as tropas de campanha, colocando-as em condições de poderem resistir ao adversario e aproveitar todos os momentos propicios para o atacar, expulsando-o, sucessivamente, das suas defesas até poderem chegar a esmagá-lo em campo aberto, unica forma, hoje como sempre, de se obter a decisão.

A guerra de trincheira é, comtudo, supomo-lo, uma fase das operações da grande conflagração europeia; fase importante e assás prolongada, mas que tendo sido precedida pelas grandes batalhas campais do inicio da guerra, deverá igualmente ser seguida por outras grandes acções em campo aberto, pois de contrario bem fracos serão os alicerces em que se estabelecerá a futura paz.

Até onde, porem, será levada a guerra de trincheira?

Durante quanto tempo ela se arrastará, ainda, em qualquer das frentes do grande teatro da guerra?

São outras tantas interrogações a que não é facil responder nem sequer prevêr.

O que parece, comtudo, é que ela ainda está longe do seu termo e, assim, descabido não será, por certo, apresentar aos nossos leitores algumas considerações sobre este momentoso assunto, colhidas aqui e alem, entre as publicações que, casualmente nos vieram ás mãos.

A longa permanencia das forças beligerantes no mesmo terreno, estendendo-se em interminaveis linhas cujos flancos se não apercebem, bem como a potencia e a variedade dos meios empregados na preparação e na execução do ataque e defesa, são os factores que principalmente têm concorrido para dar à guerra de trincheira as suas características.

Com efeito, a longa permanencia de numerosas tropas no

mesmo terreno, levou, tanto pelas necessidades da defesa como do ataque, à criação dum complicado sistema de entrenchamentos, capaz de garantir a protecção das suas guarnições contra o tiro da artilharia adversa, em condições de relativo conforto, sem perda das qualidades ofensivas destas guarnições e contendo dispositivos tanto para facilitar os assaltos por surpresa ás linhas inimigas, como para repelir um ataque brusco do adversario e permitir os proprios contra-ataques e retornos ofensivos.

Para bem se apreender o traçado e organização dum tão emaranhado conjunto necessario será, pois, antes de proseguirmos, dar uma rapida idéa dos modernos meios de acção empregados no ataque e defesa, na guerra de trincheira.

Como dissemos, a guerra de trincheira visa à conquista, passo a passo, do terreno ocupado pelo inimigo, por uma successão de ataques de frente, visto não ser possível, estrategicamente, emprega-los de flanco.

Os primeiros esforços convergirão, pois, para tomar pé nos mais avançados elementos de trincheira do adversario, procurando, seguidamente, consolidar e ampliar essas conquistas. É à infantaria a quem compete a execução imediata desta missão, mas ela só poderá entrar em acção com probabilidades de successo depois duma conveniente preparação pelas outras armas, especialmente pela artilharia e pelos aviões.

A destruição das defesas materiais do adversario; a aniquilação material, ou pelo menos o abalo moral, das guarnições da porção da frente que se projecta atacar; o isolamento dessa mesma porção de frente, contrariando os reforços de toda a especie que o inimigo tente para aí dirigir, tirados doutros pontos e, finalmente, a dispersão ou destruição das tropas que, porventura, o adversario procure reunir para tentar um contra-ataque, tais serão os objectivos preliminares dum projectado assalto.

Para conseguir tais fins, o ataque, além dos já vetustos processos de bombardeamento e guerra de minas, executados agora com o poderoso auxilio da moderna artilharia de grosso calibre e com os projecteis destruidores, lançados dos aviões, dispõe ainda de novos agentes da guerra moderna, como sejam o torpedo aereo, os gazes asfixiantes e lacrimogeneos, o lançamento de liquidos incandescentes, etc.

Por seu lado o adversario, cumprindo-lhe contrariar todos os objectivos atrás indicados e dispondo dos mesmos poderosos meios utilizados pelo ataque os quais, por sua vez, empregará sempre que a ocasião se ofereça para assaltar, baseará a sua acção numa constante e minuciosa observação do que se passa nas trincheiras inimigas, procurando não só descortinar os mais ligeiros indícios de preparação para o ataque (instalação de aparelhos para o lançamento de gases asfixiantes, cortaduras nas rêdes de fio de ferro praticadas pelo adversario para facilitar as sortidas da sua infantaria, movimentos de tropas, etc.), como tambem deverá preparar e rapidamente executar a concentração dos fogos da sua artilharia, infantaria e metralhadoras, tanto sobre as forças que se revelem com intenções de assalto, como sobre a zona compreendida entre as frentes em presença, procurando impedir a sua travessia ao adversario.

Assim, pois, na guerra de trincheira, devendo estar-se sempre preparado, tanto para o ataque como para a defesa, a par da mais intima ligação entre a infantaria, a artilharia e a observação aerea, haverá necessidade de garantir, por um lado, a maior dissimulação dos movimentos das tropas destinadas ao assalto e a sua execução por absoluta surpresa, por outro lado ter-se há de recorrer não só ao estabelecimento de todos os obstaculos que possam contribuir para demorar as tropas assaltantes o maior espaço de tempo possivel, sob o fogo da defesa, como às disposições mais adequadas à localização dos efeitos do assalto, quando êle tenha conseguido penetrar em qualquer ponto da frente, à pronta destruição das tropas inimigas que um tal sucesso tenham alcançado e ao imediato contra-ataque realizado antes que os assaltantes se tenham reorganizado e estabelecido no terreno conquistado.

*

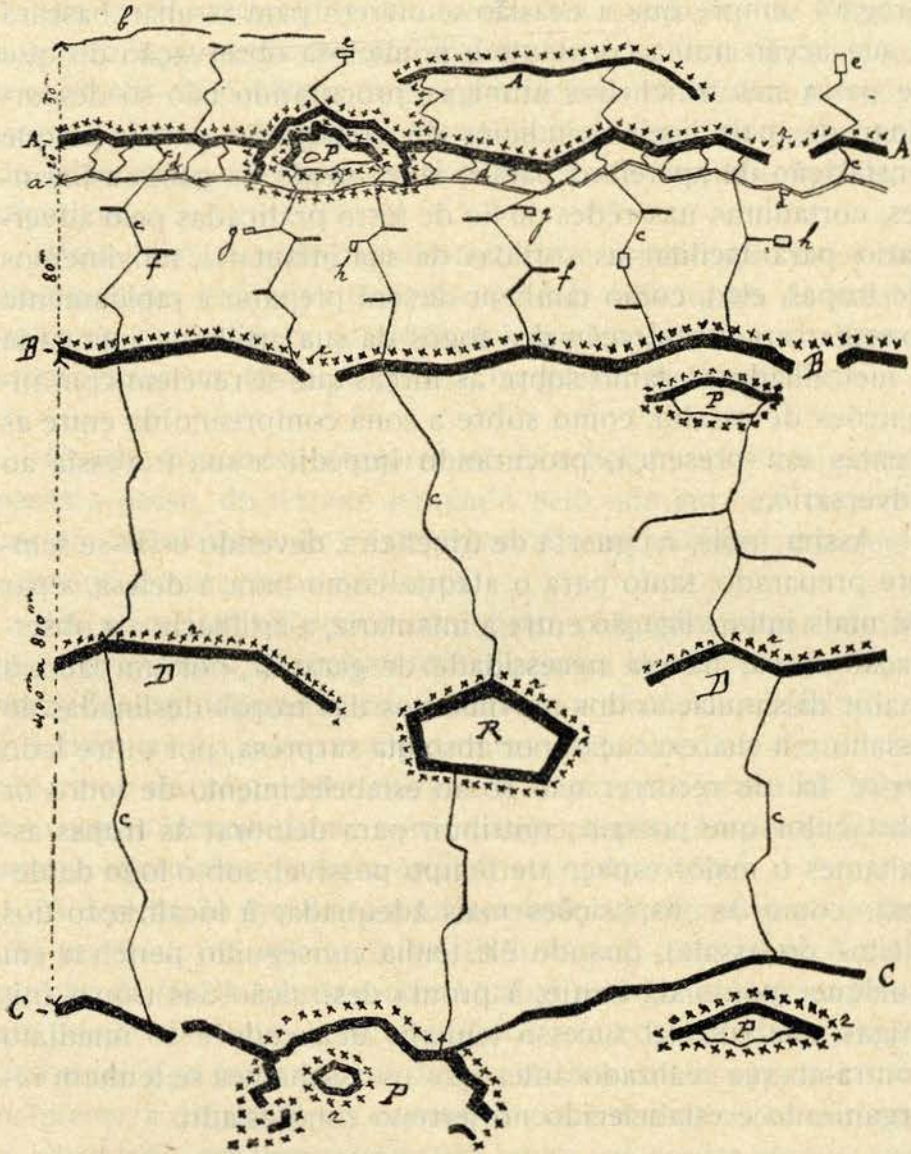
*

*

Do exposto, depreende-se que um sistema de trincheiras na guerra actual, deve procurar satisfazer, tanto quanto possivel, aos seguintes objectivos:

- a) Ser suficientemente forte para resistir a um bombardeamento demorado;

Dispositivo esquemático da Zona de trincheiras



A — Trincheiras de combate.
 B — Trincheiras de apoio.
 C — Linhas das reservas.
 D — Trincheiras, pontos de apoio.
 P — Pontos de apoio organizados defensivamente (povoações, colinas, etc.).
 R — Reducto.

a — Trincheira de fiscalização.
 b — Falsas trincheiras.
 c — Trincheiras de comunicação.
 d — Abrigos.
 e — Postos de observação.
 f — Fendas-abrigos.
 g — Postos para granadeiros.
 h — Abrigos.
 r — Defezas acessórias (rêdes de arame farpado, em geral).

- b) Apresentar uma localização e traçado tais que permitam, pela utilização de fogos obliquos e de enfiada da infantaria e, principalmente, das metralhadoras, o desenvolvimento da maior massa de fogos sobre qualquer ponto da frente adversa;
- c) Ser protegido, na frente, por uma forte e bem mascarada serie de defesas accessorias, com o fim de forçar o assaltante a demorar-se o mais possivel sob a acção dos fogos da defesa;
- d) Garantir a protecção das guarnições contra as intempéries e contra os efeitos do tiro da artilharia;
- e) Ser constituido por numerosos elementos, tanto para combate como para abrigo, por forma a dar lugar à acomodação dos efectivos indispensaveis para a realização dum ataque, se se trata de assaltar, ou à sua ocupação temporaria pelas guarnições, quando estas sejam forçadas a retirar, por sobre elas incidir o forte bombardeamento da artilharia adversa;
- f) Dispôr de amplas e numerosas comunicações, tanto para permitir a rapida reocupação dos elementos de trincheira, temporariamente evacuados, como para facilitar, a coberto, a chegada de reforços e reaprovisionamentos, as evacuações e os contra-ataques locais;
- g) Permitir a localização dos efeitos da penetração do adversario em qualquer elemento dum tal sistema, sem prejuizo da defesa nos elementos de trincheira adjacentes.

Sendo assim, um sistema de trincheiras satisfazendo á maioria dos requisitos atrás apontados, deverá ser constituido: *por uma linha avançada; uma linha de apoio e uma linha de reservas*, distanciadas umas das outras por espaços tanto maiores quanto mais afastadas da frente se encontram estas linhas, e ligadas entre si por numerosas *trincheiras de comunicação*, em zig-zag, convenientemente dispostas para permitir o uso de todos os meios destinados á repressão dum ataque que por elas tente infiltrar-se.

A linha avançada é, em geral, definida no terreno por uma serie de importantes pontos de apoio (localidades, bosques, colinas, etc.,) que, ao longo de toda a frente se procuram li-

gar por meio de intrincheiramentos cujo traçado geral deve, tanto quanto possível, fugir á forma rectilinea, para garantir o facil estabelecimento de disposições adequadas á execução de fogos crusados da infantaria e das metralhadoras ao longo de toda a frente.

Para este fim, procurando evitar-se o emprego, em larga escala, dos travezes e de obras especiais de flanqueamento, cuja difficil construção exigiria muito tempo e custaria muitas vidas, visto que, estes trabalhos se realisam, não raras vezes sob o violento fogo do adversario, tem-se preferido constituir a linha avançada por elementos de trincheira, dispostos em T ou em L, ligando-os, quando a oportunidade se oferecer, por meio de ramais de comunicação que os ingleses sinteticamente chamam *anzois*, executando-se todas estas obras durante a noite.

Emquanto, porém, se não estabelecem ou completam as ligações entre os elementos de trincheira a que acabamos de aludir, são as indispensaveis comunicações estabelecidas por intermedio duma nova trincheira, paralela á direcção geral da frente, construida a cerca de 20 metros á sua rectaguarda, e da qual partem ramais para os referidos elementos e *trincheiras de combate*.

E' esta trincheira mais recuada, com a qual se ligam, tambem, os abrigos para officiais e que faz parte integrante da linha avançada que estamos descrevendo, que é conhecida pela designação de *trincheira de comando* ou *trincheira de fiscalisação*.

A linha avançada deverá ser precedida por uma serie continua de importantes obstaculos, bem mascarados, em geral intrincadas rêdes de arame farpado, deixando as indispensaveis e bem dissimuladas passagens para a saída das patrulhas de reconhecimento e do pessoal destinado á cuidadosa observação do inimigo e de todo o campo exterior.

As trincheiras de apoio são destinadas, não só a serem ocupadas pelas tropas de primeiro apoio das guarnições das trincheiras de combate, como tambem a fornecerem um abrigo seguro a essas mesmas guarnições, quando se pretenda evitar a acção dum prolongado bombardeamento que sobre elas está incidindo ou, durante o dia, quando as circunstancias o per-

mitirem, as trincheiras de combate devam ou possam ser temporariamente desguarnecidas, conservando-se nelas, apenas, o indispensavel numero de sentinelas.

Em qualquer destas circunstancias, porém, só com ordem expressa do comando, se tomarão tais disposições,

A trincheira de apoio constitue, pois, sempre, uma segunda linha de resistencia que, assim, deverá, como a linha avançada, ser coberta na frente por um forte obstaculo de defezas accesorias, o qual, contudo, não deverá, em caso algum, impedir o reforço rapido daquela linha.

Devendo procurar subtrair-se aos efeitos do bombardeamento dirigido sobre a linha avançada e, ao mesmo tempo, não convindo que desta linha fique muito disanciada para que possa, com eficacia, realisar os fins a que é destinada, a trincheira de apoio estabelece-se, em geral, a cerca de 60 a 100 metros das trincheiras de combate.

O traçado rectilíneo e continuo para estas trincheiras, já não oferece tão grandes inconvenientes como os que apontámos para as trincheiras de combate, convindo, porém, que sejam convenientemente travezadas e dotadas dos necessarios órgãos de flanqueamento, creados, para maior simplicidade, nos proprios travezes.

A' rectaguarda das duas linhas já descritas, e nunca a menos de 400 ou 600 metros da mais avançada, estabelece-se a linha das reservas, constituida por uma nova linha de trincheiras ou, mais geralmente, por uma serie de abrigos improvisados, destinados á installação das reservas de batalhão, a cargo das quais ficam os contra ataques locais.

Além das trincheiras de comunicação que, como dissemos e é intuitivo, devem estabelecer-se para garantir as faceis e rapidas ligações entre as tres linhas principais de trincheiras, este sistema de trincheiramentos é ainda completado com outras obras, intercaladas no esqueleto já esboçado, destinadas a fins especiais, indispensaveis, porém, para a actual guerra de trincheiras.

Postos para granadeiros, instalados ao alcance eficaz da granada de mão e destinados a abrigar os granadeiros encarregados de repelir o adversario que tenha tomado pé nas li-

nhas avançadas; *fendas-abrigos*, pequenas trincheiras, estreitas e profundas, normais ás trincheiras de comunicação e tendo por fim fornecer um abrigo ás tropas, durante o bombardeamento; *reductos*; *pontos de apoio fortificados*; etc., são outras tantas excavações ou obras de maior ou menor vulto que enxameiam esta complicada rêde de obstaculos, activos ou passivos, que mutuamente se apoiam e que ocupam uma area de muitos quilometros quadrados.

A' rectaguarda deste sistema de trincheiras, e numa zona cuja profundidade fica indeterminada, organisam-se defensivamente todas as localidades, bosques, colinas, e, em resumo, todos os pontos de alguma importancia tatica, os quais constituirão o novo esqueleto de futuros e analogos sistemas defensivos, na previsão de uma retirada.

Para que de todos os obstaculos, porém, se possa tirar o efeito que deles se espera, deverá haver o maximo cuidado em bem os dissimular, esforçando-se por que constituam uma surpresa para o adversario, visto que todos visam, não só a frustrar o ataque do inimigo, quando ele tenha conseguido penetrar na primeira linha, como tambem a facilitar o contra-ataque.

Eis pois, sucintamente apresentado, nos seus traços gerais, o esquisso duma zona de trincheiras tal como actualmente se encontram na frente ocidental do grande teatro da guerra. A sua construção demanda um constante e penoso trabalho de todos os momentos, realizado em grande parte de noite, sob a acção constante de fogo adverso onde verdadeiros herois, não raras vezes, têm encontrado a morte, talvez pouco condigna dos seus feitos anteriores.

Não nos permitindo a indole deste pequeno artigo alargarmos-nos em promenorns tecnicos de construção dos diversos intrincheiramentos que apontámos, poremos, por hoje, ponto no assunto, apresentando o grafico esquematico de todas as indicações que deixamos exaradas.

Outubro de 1916.

FERNANDO FREIRIA

Capitão

APONTAMENTOS DA GUERRA

IV — A cavalaria

Os progressos da navegação aérea, que permite surpreender as forças inimigas antes que levem a cabo os seus projectos, a construção de grandes e possantes automoveis blindados, a maravilhosa descoberta da telegrafia sem fios e ainda outros inventos modernos fizeram que se gerasse e avolumasse a crença de que tinham passado os esplendidos dias da cavalaria. chegando mesmo a afirmar-se nos próprios meios profissionais que esta arma era obsoleta e dispensavel.

Não obstante, em certos países, entre os quais a Alemanha, alguns homens públicos, escutando mais as autoridades em assuntos militares que os devaneadores, facilmente impressionaveis, levaram a efeito, lutando contra a má vontade de muitos, um consideravel aumento da cavalaria, alegando que esta arma, longe de ter os seus dias contados, havia de desempenhar um papel relevante nas campanhas futuras e que era durante a paz que se havia de cuidar dela, porque não se improvisam cavaleiros, dignos do nome, em tempo de guerra.

Os acontecimentos deram-lhes razão. Apesar dos enormes, e, pode-se dizer, imprevisos trabalhos realizados pela aviação e dos patrióticos sacrificios do pessoal aviador, a cavalaria tem prestado serviços inolvidaveis, que só se avaliarão devidamente depois de feita a paz, quando vier a lume a historia documentada da guerra. Os casos em que a cavalaria carregou a infantaria tem sido, parece, raros, mas abundam os combates de cavalaria contra cavalaria, os exemplos de patrulhas cujo auxilio foi valioso, os *raids* famosos, e, enfim, quando os exércitos inimigos se recolheram ás trincheiras, a cavalaria combatu e continúa combatendo, desmontada, ao lado da infantaria, e, como ela, trabalhando com a pá. Não falta, pois, nesta guerra, nem faltará decerto nas do futuro, nada do que nas

do passado constituia a missão da arma a cavalo; o que é necessário é que ela se adapte ás novas condições que a sciencia criou para a guerra, no sentido que adeante diremos, como ensinamento das porfiadas campanhas a que estamos assistindo.

É notavel a variedade de cavaleiros das nações em beligerância, constituindo, alguns, tipos inconfundiveis, cuja historia daria volumes, e não é menos curiosa a diversidade na organização da arma.

O *cossaco*, originário do sul e do sudeste da Rússia, é robusto, impávido e guerreiro. E' capaz de se conservar a cavalo durante dias seguidos sem experimentar fadiga, e galopa tão rapidamente e tanto á sua vontade pelas planicies como pelas encostas dos montes, o que mostra a sua destreza na sela, mas carece de iniciativa, e nos encontros com a cavalaria germânica parece ter ficado abaixo da sua reputação tradicional.

O cossaco começa a sua carreira militar aos 18 anos; ao alistar-se apresenta a sua montada, em geral muito boa. E' armado de pistola, sabre, punhal e carabina, ou, se provém do Don ou dos Urais, de lança. Serve três anos na classe preparatória, depois doze no activo ou classe combatente, cinco na classe auxiliar e dez na milícia. O candidato ao alistamento não pode ser recebido nas fileiras se tiver menos de 1^m,75 ou se exceder o pêso de 68 quilos. Em tempo de paz a Russia tem 137 regimentos de cossacos, sendo a lotação de cada um dêles, em pé de guerra, de 933 homens e 1.070 cavalos.

O *ulano*, alemão, não menos famoso, é um homem escolhido, robusto, de peito largo, de 1^m,68 a 1^m,80, de reconhecida aptidão. O seu armamento é a lanca e a carabina Mauser, presa na parte de trás do selim.

Cada regimento de ulanos numera, segundo a lotação de guerra, 36 officiais, 810 homens e 860 cavalos, fornecidos pelos potris do estado.

E' ocioso dizer que o *ulano* não é o único tipo de cavaleiro do exército alemão, como o cossaco o não é tambem na cavalaria russa.

O *dragão* francês é o inimigo do *ulano*. Homem forte, afeito á fadiga, inteligente, de espirito de iniciativa. bastante alto, mas não tanto como o seu rival de além-Reno, o dragão tem como armamento uma carabina e uma espada direita,

dum só gume, a não ser que pertença aos corpos que compõem a cavalaria independente, porque então usa lança. O cavalo é-lhe fornecido pelos potris do estado, e entra nas fileiras entre os quatro e os cinco anos de idade.

O *hussar*, primitivamente da Hungria, é hoje recrutado entre as diferentes raças da Austria-Hungria e até em alguns países lhe imitaram o fardamento.

E' também um homem escolhido, robusto, alto, ágil, resistente á fadiga.

A cavalaria belga compreende três tipos bem conhecidos de soldados: os *caçadores*—dois regimentos, os *guias*—em igual numero, e os *lanceiros*—quatro regimentos. No seu total, a cavalaria belga regista 350 officiais, 8.800 homens e 9.000 cavalos. O armamento dos caçadores é a carabina e uma lança comprida. A maior parte dos cavalos são importados, vindo muitos deles da Irlanda.

A Servia conta quatro regimentos de cavalaria, de quatro esquadrões cada um, e um esquadrão da Guarda, denominado primeiro regimento de *Obilizi*. A lotação de paz, por esquadrão, é de 200 homens e 180 cavalos. O armamento dos cavaleiros é a arma Mauser e um sabre direito e comprido; os officiais e os sargentos usam pistola.

Na Turquia, o primeiro regimento de cada divisão é armado de lança, os outros usam um sabre comprido, de dois gumes, e todos teem também carabina. Os cavalos turcos não são de primeira qualidade, o que faz com que o governo remonte em parte as suas tropas montadas com cavalos de importação.

O cavaleiro italiano, afamado, há alguns anos a esta parte, pela sua notavel escola de equitação, é de três tipos: dragão, lanceiro e caçador, com grande predominio numérico d'este ultimo, pois a êle pertencem quasi dois terços de toda a cavalaria.

O armamento dos dragões e dos lanceiros é a lança, o sabre e a carabina com baioneta; os caçadores teem a menos a lança. A baioneta ou está armada na carabina, ou, quando desarmada, estendida ao longo do cano.

O cavalo italiano é sóbrio, resistente e exige poucos cuidados. Os seus principais defeitos são a falta de aptidão para suportar o pêsso e pouca velocidade.

Apesar de possuir alguns importantes centros de produção cavalariça, a Itália importa anualmente centenas de solípedes para o seu exército, e os oficiais preferem ao cavalo nacional, para o seu serviço, o irlandês.

Desta brevíssima resenha depreende-se que o armamento da arma a cavalo, nas diferentes nações beligerantes, é, além da carabina, a espada ou a lança, pendendo umas mais para aquela arma branca, outras para esta, porque, como se sabe, as qualidades duma e outra tem sido objecto de larga controvérsia. Entre as nações que dão a primazia ao sabre, inclue-se, ou, melhor, incluía-se antes da guerra, a França; entre as que são ou eram pela lança, conta-se a Alemanha.

E dizemos antes da guerra, porque parece haver actualmente novas correntes de opinião ácerca do armamento da cavalaria. Com efeito, o combate a pé será dora-avante uma forma de emprêgo da aludida arma muito mais frequente do que tem sido até hoje, como os factos estão provando, sendo pois necessário arma-la mais à semelhança da infantaria. Daí proveio sem dúvida aos dirigentes do exército inglês a ideia de dotarem a sua cavalaria com uma baioneta, cujo emprêgo o general French, antigo comandante das tropas britânicas em França, preconisa somente na defesa dos acampamentos e dos postos avançados. A respeito desta resolução do estado-maior britânico são para meditar as palavras dum escritor militar inglês, que afirma que, quando se erguer a cortina que esconde muitos dos acontecimentos desta guerra e «a censura deixar passar mais noticias» talvez a necessidade da baioneta se torne mais evidente.

Por outro lado, na Alemanha, nação tão inclinada ao uso da lança, como atrás dissemos, parece avolumar a opinião de que o armamento da cavalaria deve restringir-se á espingarda, baioneta e ferramentas para entrincheiramentos, «visto o pêsso com que o sabre sobrecarrega o cavalo não valer a oportunidade, pouco frequente, do seu uso».

Nos Estados-Unidos da América do Norte dotou-se a cavalaria com uma pistola automática, que, no dizer de vários escritores militares daquêle país, tornou a arma formidável, a ponto de qualquer força de cavalaria europeia, em face de outra igual, americana, ficar reduzida á impotência, sem poder usar das suas espadas ou lanças. De resto, acrescentam

êsses estrênuos defensores do novo armamento da cavalaria, de além dos mares, é muito mais facil exercitar o recruta no manejo da pistola que no da espada.

A par da questão do armamento renasce a da melhor formação para a arma, isto é, se deve ser numa fileira ou em duas. E' velha a discussão e são conhecidos os argumentos em favor duma e doutra opinião. A' formação em duas fileiras atribue-se, como é sabido, a vantagem de permitir ao comando manusear maior quantidade de homens, a de reunir num dado espaço mais elevado número de combatentes, a de dar formações mais adequadas para a carga, e ainda a de preencher as abertas que se deem na linha da frente.

Os que optam por uma só fileira dizem que os dois primeiros argumentos pouco valem; quanto ao terceiro, só teria valor se a fileira da frente fosse armada de lança e a da retaguarda de sabre, e mais dizem que, na linha dupla a fileira de trás pode, na carga, colidir com a da frente, com maior dano para amigos que para inimigos. A linha simples exige menor preparação dos recrutas, ou, o que é o mesmo, menos tempo de instrucção, é mais facil de desenvolver em certos terrenos e pela sua extensão favorece o ataque dos flancos do adversário.

Estes eram os argumentos com que, antes da guerra, os dois partidos respectivamente defendiam as suas ideias. A experiência da campanha, segundo lemos na imprensa estrangeira, convenceu os ingleses de que a formação em duas fileiras não deixa de ter valiosas vantagens, e será certamente mantida. Não só se mostrou util no choque ocasional, como aliás a experiência tinha provado, senão tambem na manobra a pé, em fogo, pois é uma formação suficientemente compacta para permitir a aproximação, a coberto, duma posição e porque facilmente se passa dela para a formatura numa só fileira, ou á ordem extensa, debaixo de fogo.

Em matéria de organização, a questão primacial é a que respeita á constituição da divisão, que é a maior unidade da arma.

A Alemanha era a única das grandes potências, antes da guerra, que tinha a sua cavalaria grupada em brigadas e estas affectas ás divisões de infantaria; fazia excepção a Guarda, onde as tropas da aludida arma formavam uma divisão.

No exército predominava talvez a opinião de que as divi-

sões de cavalaria se deviam achar constituídas mesmo em tempo de paz, sem ser necessário, para as organizar, esperar que soasse a hora da guerra. Todavia o estado-maior tinha diferente opinião, e, como se sabe, é êle quem dita a lei em matéria de organização militar.

Não quer isto dizer que lhe fossem indiferentes ou desconhecidas as vantagens da constituição das divisões em tempo de paz, a saber: rapidez de mobilização, conhecimento intimo e reciproco dos generais, officiais e praças. Ha, porém, outras razões que valem mais do que estas, sobretudo tratando-se da cavalaria, arma que exige do comando qualidades muito excepcionais. De facto, crê-se, e decerto com fundamento, que, constituindo as divisões só durante as manobras, vários generais têm ocasião de manifestar as suas aptidões, o que não aconteceria se á frente dessas grandes unidades estivessem sempre os mesmos homens; além disso, este sistema faz que o inimigo ignore o número de divisões e o seu provavel emprêgo.

Sobre a composição da divisão, quer esta seja permanente, quer não, há diferenças importantes no exército de que nos estamos ocupando.

A unica divisão do tempo de paz, a da Guarda, tem 4 brigadas de dois regimentos, com um total de 32 esquadrões; quanto ás que se constituem em tempo de guerra crê-se que têm 3 brigadas de dois regimentos cada uma.

A cavalaria alemã numera, no seu conjunto, 102 regimentos, e pertencendo 8 dêles á Guarda, restam 94 para a constituição das divisões dos exércitos e para as divisões.

Vem a proposito dizer que na Alemanha, antes da guerra, divergiam muito as opiniões sôbre a quantidade de cavalaria necessária ás divisões de infantaria, prevalecendo a opinião de que um regimento, ou quatro esquadrões, como se fez na guerra de 1870, é força muito superior ás necessidades da divisão de infantaria. Daí resultou ter-se determinado, haverá cinco anos, que a cada uma daquelas unidades se desse apenas um esquadrão, creando todavia para a exploração próxima e para serviço de ordenanças, que são as principais obrigações da cavalaria divisionária, unidades especiais, denominadas *Meldereiter*, de homens pertencentes á propria infantaria.

Em França as divisões de cavalaria eram 8, de forças desiguais. Assim, ao passo que a 1.^a, 2.^a, 5.^a, 6.^a e 8.^a se compu-

nham de duas brigadas de dois regimentos cada uma, a 7.^a tinha cinco regimentos, e a 3.^a e a 4.^a numeravam 3 brigadas de dois regimentos cada uma. Por consequência, cinco divisões têm 16 esquadrões, uma 20 e as duas restantes 24; ao todo 37 regimentos com 148 esquadrões.

Os outros regimentos, em numero de 44, sem contar os 10 de Africa, constituem 21 brigadas, denominadas de corpo de exército, cada uma com 2 regimentos.

A opinião de certos centros militares era de que as brigadas de cavalaria de corpo de exército, que absorviam 44 regimentos, deviam ser abolidas, dando-se outro destino aos seus esquadrões.

Argumentam os que pedem nova organização, com o fraccionamento da cavalaria russa na Mandchúria, que occasionou ou contribuiu para a derrota das tropas do czar nas batalhas de Liao-Yang e Mukden.

Na Austria-Hungria havia 42 regimentos de cavalaria, reunidos em 19 brigadas de dois regimentos, excepto as brigadas n.^{os} 3, 4, 16 e 21, que tinham três. Catorze destas brigadas eram grupadas em 6 divisões permanentemente constituídas, mas de composição desigual.

Este país dispõe doutra massa de cavalaria importante, a saber: 6 regimentos de ulanos da landwehr austriaca e outros tantos de hussares — *Honred* — da landwehr ungara. Tanto uns como outros são quasi todos os anos reunidos em divisões para manobras.

A Rússia possui verdadeiras massas de cavalaria, cujo simples sumário alongaria demasiado êste artigo. Basta que mencionemos as tropas da arma pertencentes ás regiões da Europa, deixando de parte as da Asia.

As divisões de cavalaria do império são 24, a saber: 2 da Guarda, 15 de exército, 1 mixta, 1 do Caucaso, 5 de cossacos, e 2 brigadas independentes.

As divisões são normalmente compostas de duas brigadas.

Se ás tropas europeias acrescentarmos as asiáticas, veremos que a cavalaria russa numera o fabuloso total de 1.800 esquadrões. O emprêgo, porém, que desta colossal massa de homens e cavalos se tem feito nas diferentes guerras, está muito longe de ser o que devia ter sido. Basta lembrarmos de que na guerra russo-japonesa a maior força de cavalaria

que operou reunida, numerava apenas 70 esquadrões. Foi o corpo que, ás ordens do general Mischtschenko fez aquêlê *raid* sobre Inkeou, considerado pelos criticos militares como uma verdadeira paródia das operações do seu género.

A cavalaria italiana foi nos últimos anos elevada de 24 regimentos de 6 esquadrões a 29 de 5. Os esquadrões passaram de 144 a 145; esta modificação, se nos efectivos não é grande coisa, representa todavia um notavel melhoramento na organização, pois o regimento tornou-se mais ligeiro, mais manejavel, mais adaptavel aos terrenos da Itália. Crearam-se na mesma ocasião três divisões da força de duas brigadas, constituindo dois regimentos cada uma destas últimas unidades. A divisão italiana numera pois 20 esquadrões.

Os 17 regimentos que sobram das divisões não estão reunidos nem em brigadas permanentes nem eventuais; constituem grupos.

A cavalaria turca comprehende 40 regimentos de 5 esquadrões cada um, tendo cada esquadrão 4 officiaes e 120 homens.

Além desta cavalaria regular, dispõe tambem a Turquia dum importante número de cavaleiros irregulares, originários das tribus guerreiras da Anatólia, e com os quais se organizaram, parece, 24 regimentos, instruidos em parte á maneira dos cossacos.

A cavalaria inglesa conta trinta e um regimentos, três dos quais pertencentes á Guarda, sempre aquartelada em Inglaterra, e na qual se alistam os melhores recrutas. A sua lotação regimental, em tempo de paz, comprehende 3 esquadrões e 1 secção de metralhadoras e numera 24 officiaes, 55 sargentos e 343 cabos e soldados. Os melhores recrutas são, como acima dizemos, incorporados neste corpo, que bem se pode dizer escolhido.

Estão tambem em França, incorporados no exército inglês, corpos de cavalaria indiana, compostos de lanceiros, guias e cavalaria ligeira. O regimento indiano comprehende na sua lotação 16 officiaes ingleses, 17 indianos e 610 praças indigenas. O seu armamento é a lança e a espingarda de infantaria, ou espada e carabina, conforme se trata de tropa pesada ou ligeira. As montadas são em geral muito boas.

Seria curioso, posto isto, comparar a cavalaria das diferentes nações beligerantes, ou ao menos as de algumas delas, no ponto de vista do modo como se teem desempenhado da sua missão na guerra actual, mas escasseando para isso os elementos, daremos a palavra aos combatentes, para que êles próprios digam o que se lhes oferecer sobre o assunto.

Diz o tenente-coronel von Welk, do exército alemão, em artigo publicado o ano passado, no conhecido periódico militar do seu país *Jahrbücher für die deutsche Armee und Marine*: «O valor da nossa cavalaria nos primeiros meses da grande guerra e os erros da francesa, belga e mesmo da inglesa não são desconhecidos de ninguém.

Ao estender as nossas linhas para o Norte, em outubro de 1914, estabelecemos contacto com a cavalaria inimiga, a qual, especialmente a francesa, retirou sempre que a pressão era mais forte, deixando-nos livre o caminho quer para a frente, quer para os flancos.

As tentativas de flanco, dos franceses, e também o projectado avanço sobre Arras foram, segundo os relatórios dos nossos próprios inimigos, falências, devidas principalmente á persistência das tropas montadas germânicas que permaneceram ao norte de Lila durante o movimento envolvente. Nesta localidade, em 10 de outubro, houve um sério encontro entre as duas cavalarias, no qual os franceses tiveram uma divisão completa da arma desbaratada; em Hazebrouck foi derrotada outra divisão com grandes perdas. As nossas patrulhas montadas percorreram a região livremente.

A actividade da cavalaria tornou-se cada vez mais restrita pela natureza do terreno. Depois, apeando-se, os nossos cavaleiros desde os fins de outubro passaram a lutar ao lado da infantaria, com a carabina, e a trabalhar com a pá nas trincheiras.

Ao passo que a cavalaria francesa se assinalou pela falta de iniciativa, a dos russos em geral portou-se muito melhor, pois constantemente fez e renovou as tentativas para atravessar as linhas alemãs e austro-hungaras e especialmente para tornear o nosso flanco esquerdo na Prússia oriental. Os esquadrões russos fizeram grandes e persistentes esforços para se manterem naquella aludida provincia.

Grandes massas de cavalaria russa, avaliadas em 10.000

cavalos, foram encontradas no comêço de novembro em Koho, a oeste de Kumo, na Polónia, onde tinham atravessado o Warta. Foram derrotadas e obrigadas a repassar o rio.

Outros encontros houve em Konin, no Warta (10 de novembro), onde a nossa cavalaria surpreendeu um batalhão russo, e em Koowinek, a leste de Kalisch (11 de novembro), onde obrigou um corpo da mesma arma, do inimigo, a retirar-se.

Na Galicia os russos tentaram avançar em grandes massas de cavalaria mas foram igualmente repelidos.

Se estes encontros foram, sem excepção, vitórias para nós, apesar da superioridade numérica da cavalaria russa, devemos-lo aos nossos conhecidos factores da boa direcção, boa preparação e superioridade material em homens e cavalos». Por seu lado, um oficial inglês escreve o seguinte num artigo publicado em julho do ano passado: «Entre as coisas que no meu espirito mais se radicaram, teem lugar principal as três seguintes: a importância da artilharia, o valor da nossa cavalaria e os serviços dos aeroplanos. Isto, é claro, sem falar no que teem feito as tropas a pé, e que é atestado pelas suas terriveis perdas.

A opinião geral é que a cavalaria inglesa cumpriu a sua missão. Fez cargas brilhantes quando foi necessário; depois pôs de parte os cavalos e mostrou que sabia usar da espingarda.

Os ingleses estão inteiramente descoroçados com a cavalaria francesa, que revela grande deficiência no combate a pé, o que não acontece com a nossa. Eis um caso tipico. Os alemães conseguiram romper a linha em certo ponto. Um regimento ou uma brigada de cavalaria, não me souberam dizer qual, veio em socorro, apeou e repeliu o inimigo pelo fogo. Os franceses não compreendiam tal procedimento: era impossivel separá-los dos seus cavalos. Extenuavam as suas montadas á procura dum combate montado e entretanto o tempo passava sem terem podido alcançar o seu fim.

Parece que a cavalaria, na esquerda dos aliados, nas proximidades de 6 de setembro de 1914 deu que fazer a von Kluck. Mais tarde os franceses reuniram parte da sua cavalaria para opôr á cortina alemã durante a primeira parte de extensão das linhas para o Norte, nas proximidades de 1 de outubro, mas a luta a cavalo aí era impraticavel em consequência da mul-

tiplicidade de canais, defezas de arame e obstáculos de toda a espécie.

Actualmente está nas trincheiras, em grande parte sem cavalos.

A cavalaria inglesa está agora armada com baionetas, e creio que a francesa também.

O general French, cuja opinião é decerto a mais autorizada, disse algures que os alemães podiam ter aniquilado a força expedicionária britânica, se tivessem sido superiores em cavalaria, e acrescentou que a cavalaria inglesa estivera á altura da sua missão de cobrir os flancos do exército.

A repugnância em combater a pé que, no dizer do articulista acima referido, tanto se manifestou na cavalaria francesa, dá-se também nas tropas de cavalaria doutras nações, incluindo a Alemanha, conforme dissemos noutros destes nossos artigos. Estes factos são uma advertência, que muito importa considerar na instrução e praparação da arma a cavalo para a guerra, tal como ela se faz agora.

Um exemplo tipico de que póde a cavalaria adextrada no combate a pé, foi o que se deu na última campanha balkanica com a divisão do general Salih Pacha. Ao rebentar a guerra, este official achava-se no campo de concentração de Sulu-Oghlon, a oeste de Kirh-Kilisseh, na Trácia, com a divisão do seu comando, composta de três brigadas de dois regimentos cada uma, duas baterias de artilharia a cavalo, metralhadoras, um destacamento de engenharia e uma secção de telegrafistas. O corpo principal do exército estacionava entretanto ao sul da linha Andrinopla a Kirh-Kilissech.

Em consequência da falta de comunicações, o comandante da divisão de cavalaria não teve logo conhecimento da declaração de guerra, de sorte que os bulgaros passaram a fronteira e repeliram a sua brigada mais avançada antes que se soubesse que as relações entre os dois estados, até então bastantes tensas, tinham acabado por se romper.

Salih Pacha resolveu pois fazer avançar as três brigadas em ataque de frente contra o inimigo, que se dirigia de Hadjilar e Waysal sobre Hadji-Danishment, enquanto a brigada de reserva, que na ocasião chegára de Andrinopla, o fôsse tomar de flanco. Quando a coluna búlgara desceu o monte Hadjilar, os turcos puderam ver e contar as suas

tropas. Era uma divisão de cerca de 20.000 homens. As três baterias da divisão de Salih esperaram, para romper fogo, que o inimigo alcançasse o fundo do vale, a uma distancia de 6.000 a 6.500 metros. A artilharia conseguiu deter o inimigo, e cinco regimentos de cavalaria, apeados, empenharam-se em luta com êle, como infantaria. A brigada de cavalaria adversa esquivou-se ao combate quando a brigada de reserva de Salih Pacha procurou atacá-la. A infantaria búlgara desenvolveu-se então, a sua artilharia abriu fogo e os turcos retiraram-se para Suh-Oghlon, mas sem perderem o contacto com o inimigo e sem serem atacados, até á chegada da sua infantaria.

Tal é o episódio a que aludimos e que o tenente Djemil Munir Bey narra no seu livro, por tantos titulos interessante, intitulado — *A Cavalaria turca na guerra turco-búlgara*.

Na guerra actual, além das operações nas trincheiras, registam-se tambem vários outros casos de emprêgo da cavalaria a pé, de ambas as partes contendoras, e muitos outros decerto se divulgarão mais tarde, quando se fizer a história da guerra.

Assim, em 1 de novembro de 1914 foi tomada ao sul de Ypres, pela cavalaria francesa, a pé, armada só de lança, uma aldeia defendida pela infantaria alemã.

Em 28 do mesmo mês um esquadrão de dragões francezes, sendo dois pelotões a pé e um a cavallo, atacaram ás 2 h. e 30 da madrugada um parque de aviação inimigo, na estrada de Soissions-Compiègne, destruindo os aeroplanos e um comboio de viaturas automoveis. O pelotão montado carregou as metralhadoras que defendiam o parque, enquanto os outros dois, apeados, completaram a obra de destruição, embora a resistência oferecida pelos alemães.

Por seu lado, o imperador da Alemanha, passando revista ás tropas numa cidade belga, tambem pelos fins de 1914, dirigiu-se á cavalaria nos seguintes termos: "Tenho muita satisfação em saber que a cavalaria tem combatido bem. Teem-lhe incumbido missões que eu não esperava lhe pudessem vir a pertencer, e é para sentir que não tivesse sido instruida na paz para o seu desempenho. A cavalaria tem combatido com sabre, baioneta e lança, e o general Mauwitz, seu comandante, informa-me de que a infantaria se sente orgulhosa em avançar ao assalto ao lado dela".

Voltemos, porém, ao assunto de que momentaneamente nos afastámos, isto é, a acção da cavalaria na guerra actual, restringindo-nos á frente ocidental, porque, se desta se sabe pouco, tudo quanto até nós chega dos restantes teatros de operações é tão confuso e desconexo, que se não pode compendiar.

Tinhamos dito, servindo-nos do testemunho dum official alemão, que a cavalaria francesa na primeira fase da luta não estivera á altura da sua missão. Não acontece assim nas operações de 6 a 10 de setembro, terminadas pela batalha do Marne, onde a guerra deixa de ser manobrada para tomar a feição que ainda hoje conserva, de defeza e assaltos de trincheiras.

As forças de cavalaria incorporadas nos diversos exércitos que tomaram parte nos combates a que se dá o nome de batalha do Marne, eram, da esquerda para a direita, as seguintes. Do lado dos franceses :

- 6.º exército, do comando de Maunoury, com 3 divisões de cavalaria;
 - 5.º " ás ordens de d'Espérey; entre o exército inglês e o 5.º exército estava 1 corpo de cavalaria, composto de 3 divisões (4.ª, 8.ª e 10.ª) e uma brigada ligeira;
 - 9.º " do comando de Foch, com a 9.ª divisão de cavalaria, que fechava uma enorme abertura entre este exercito e o 4.º;
 - 4.º " comandado por Langle de Cary, de cuja cavalaria não se faz menção;
 - 3.º " do general Sarrovil, com a 7.ª divisão de cavalaria.
- 1.º e 2.º exercitos, nos Vosges, de vigia á região fortificada de Metz-Thionville.

Do lado dos alemães, da direita para a esquerda :

- 1.º exercito, de von Kluck, 1 corpo de cavalaria entre os três corpos da direita do mesmo exercito e os dois da esquerda. A 5.ª divisão de cavalaria tinha de operar com a direita contra o 6.º exer-

- cito francês, enquanto a cavalaria da Guarda havia de cooperar com os dois corpos da esquerda contra os ingleses;
- 2.^o exercito, de Bülow, com um corpo de cavalaria;
 - 3.^o " de Hausen, de cuja cavalaria não se faz menção;
 - 4.^o " do duque Alberto de Wurtemberg, com 1 divisão de cavalaria;
 - 5.^o " do príncipe herdeiro, com 1 divisão de cavalaria.

No dia 6 de setembro o 6.^o exercito francês, que na véspera tomara as posições que lhe haviam sido indicadas, teve um encontro com tropas alemãs ao sul do Marne e conseguiu avançar um pouco; o 5.^o, em escalões com a direita em frente, atacou o inimigo de madrugada, na direcção de Montmirail, apoiado da direita pelo 9.^o exercito e da esquerda pelo seu corpo de cavalaria, que deteve uma ofensiva alemã na região de Courtacon; o 9.^o conservou-se na sua posição, apoiando a ofensiva do 5.^o a nordeste, esperando a ocasião de poder também tomar a ofensiva, mantendo sempre a ligação com o 4.^o corpo por intermedio da sua divisão de cavalaria, a 9.^a, que teve uma refrega com forças de cavalaria alemã, apoiadas por infantaria e artilharia; finalmente os ingleses, na aludida manhã, foram atacados e conseguiram avançar.

No dia 7, o general Maunoury pretendeu fazer pressão sobre a esquerda com uma divisão, que chegára de Paris, e toda a sua cavalaria; todavia não pôde executar a sua projectada manobra nesse dia; o 5.^o exercito, logo de manhã, sabendo pelos informadores aéreos que o inimigo, em consequência do ataque da vespera, executava uma retirada, coberto pelo 1.^o corpo alemão de cavalaria, reforçado por infantaria, avançou; o 9.^o exercito, logo ao amanhecer, foi atacado com violencia nas vizinhanças de Villeneuve-les-Charleville, Soisy e Mondement, mas manteve as suas posições, cumprindo perfeitamente a sua divisão de cavalaria a missão que lhe fôra distribuida, isto é, manter a ligação com o 4.^o corpo; os ingleses pretenderam, com a sua divisão de cavalaria, atacar de flanco o inimigo, que retirava, mas, entretanto, a cavalaria alemã tinha atravessado o Grand-Marin, e o Petit-Marin e reunira-se perto

de La Ferté-sous-Jonarre, o que obrigou os ingleses a desistirem do seu intento.

No dia 8, a cavalaria do 6.^o exercito, que estava á recta-guarda da ala esquerda, teve ordem de se deslocar para a esquerda e de proseguir o seu movimento para leste; o 5.^o exercito tomou Montmirail; o 9.^o foi atacado pelas forças alemãs, tendo de combater rijamente na esquerda, conseguindo uma das suas divisões retomar Saint-Prix; a direita, depois de ser forçada a ceder, conseguiu retomar as posições perdidas; a 9.^a divisão de cavalaria manteve a ligação com o 4.^o exercito e apoiou um combate dado por tropas deste exercito; os ingleses avançaram mais para o Marne e perseguiram a 2.^a divisão de cavalaria alemã.

Em 9 de setembro, von Kluck resolveu definitivamente realizar, em virtude da informação do general comandante do corpo de cavalaria, Mauwitz, incumbido de deter a ofensiva dos ingleses ao sul do Marne; o 5.^o exercito continuou a sua ofensiva para o Marne; o seu corpo de cavalaria, reforçado por uma brigada de infantaria, atacou o flanco do inimigo, em retirada; o 9.^o exercito continuou a batalha com grande violência em quasi toda a frente, e depois de várias alternativas conseguiu contra-atacar com pleno êxito; os ingleses passaram o Marne abaixo de Chateau-Tierry, tendo o general Mauwitz tentado detê-los com a sua cavalaria; sendo-lhe a sorte adversa, teve de acompanhar a retirada.

No dia 10, o corpo de cavalaria do 5.^o exercito dirigiu-se para Oulchy-le-Château e la Fère-en-Tardenois, em ligação com o exercito inglês; o 9.^o atacou o inimigo em toda a extensão da frente e a sua divisão de cavalaria dirigiu-se para Châlons, na esperança, aliás frustrada, de cortar a retirada do inimigo.

Tal foi a chamada batalha do Marne, onde a cavalaria de ambas as partes teve, como vimos, uma missão importante, quer na ligação dos diferentes exercitos, quer na pressão que fez sobre o adversário. Depois, os exercitos beligerantes sumiram-se nas trincheiras e grande parte da cavalaria passou a combater a pé, ao lado da infantaria.

Do que dissémos, e que não é mais que o extracto da imprensa estrangeira, depreende-se que a grande lição da guerra,

a respeito da cavalaria, é principalmente a frequência do combate a pé, que leva algumas potências a dotar a arma a cavalo com uma baioneta e faz que alguns oficiais afirmem que o pêso e o embaraço da espada não estão em harmonia com os serviços que ela presta. Aparte isto, encontrâmos a cavalaria no desempenho de missões que nada teem de novo, a não ser talvez o vigor com que foram levadas a cabo, mas os pormenores da execução só mais tarde se conhecerão verdadeiramente,

Todavia, nos Estados-Unidos da America do-Norte, pretendendo-se reformar os regulamentos da cavalaria em harmonia com os ensinamentos da guerra moderna, fizeram-se umas instruções, largamente distribuidas pelos oficiais da arma, para que sôbre elas se pronunciassem. Nelas estão definidos os tópicos a que hão de obedecer as novas regulações e que se diz derivarem da lição que por agora se deduz da guerra.

Convindo, pois, conhecê-las, resumimo-las quanto possível. São as seguintes:

a) O trabalho inicial da cavalaria num grande conflito é tão árduo e tão mortifero para os cavalos que todo o pêso que não seja absolutamente indispensavel deve ser suprimido. Tanto a cavalaria francesa como a inglesa assim o reconheceram desde o principio das hostilidades.

b) As marchas de noite da cavalaria serão especialmente necessárias e frequentes.

c) A marcha habitual da cavalaria, fóra da presença immediata do inimigo, tem sido em coluna de dois ou de quatro.

d) O choque, a cavalo, da cavalaria contra infantaria ou artilharia de campanha não será possível quasi nunca. Contra a cavalaria será pouco frequente, excepto nos primeiros recontros de exércitos inimigos ou em subseqüentes operações de destacamentos de cavalaria contra cavalaria.

e) Os relatórios britânicos indicam tendência para conservar o sabre, mas para eliminar a *cutilada*, conservando a *estocada*. Os relatórios alemães revelam inclinação para restringir o armamento da cavalaria á carabina, á baioneta e á ferramenta de trincheira por não estar o pêso adicional do sabre em harmonia com a oportunidade pouco frequente do seu emprêgo.

f) O uso de motociclos e transportes automoveis pela cavalaria aumentou-lhe a mobilidade e tornou-se indispensavel onde as estradas permitirem o seu emprêgo.

g) O uso de aeroplanos, por ambos os lados, ao passo que aumentou a vulnerabilidade da cavalaria ao ataque da artilharia e das metralhadoras, fez crescer tambem as possibilidades de ataque de surpresa pela cavalaria contra cavalaria. Cada divisão de cavalaria ou brigada isolada deve ter o seu serviço aéreo.

h) O emprêgo de grandes unidades de cavalaria como *reserva apeada movel* ha-de ser muito importante e usual nas guerras futuras para substituir ou reforçar infantaria batida ou fortemente ameaçada, quer em trincheiras quer no campo, na principal linha de fogo ou nos flancos.

i) Refere-se ao emprêgo das duas fileiras na cavalaria. E' escusado desenvolvê-lo, porque já a êle aludimos quando tratamos desta questão.

j) A importância do fogo da cavalaria, a pé, tem aumentado consideravelmente pelas condições da guerra moderna; mas a sua influência sobre os nervos e os musculos de cavalos e cavaleiros é tão grande, que é indispensavel cuidar com extremo cuidado da preparação duns e doutros para que possam ser verdadeiramente utilisaveis.

Eis o que, para os dirigentes do exercito norte-americano, em matéria de cavalaria, constitue por agora a lição da guerra europeia.

*

* * *

A imperfeição e o incompleto destes apontamentos avultariam ainda mais se não coligissemos o que se tem escrito sobre o cavalo, a verdadeira arma do cavaleiro, e da qual todas as outras são meros auxiliares.

Infelizmente, sôbre este assunto, como a respeito dos outros, são ainda confusas as lições de guerra. Não faltarão de certo, quando bater a hora da paz, as revelações sôbre o modo como se portaram as diferentes raças de solipedes, e daí surgirão discussões, que obrigarão algumas potências, tanto das beligerantes como das neutrais, a modificarem os tipos dos

seus cavalos de guerra. E mais ainda se ha-de ver aumentar a reputação de certos mercados, ao passo que outros decairão.

Como em tudo o mais, e apesar de parecer que o serviço da cavalaria, a cavalo, tem sido muito limitado, esta guerra tem tido exigências imprevistas no consumo de solipedes.

Creemos que só duas nações satisfazem as suas necessidades com os próprios recursos: a Russia e a Austria. Naquela a população cavalar avalia-se em 25.000.000 de cavalos; na Austria-Hungria o recenseamento, antes da guerra, acusava 4.000.000, na maior parte na planicie hungara.

E' curioso o regime adoptado neste último país: depois dum cavalo completar dez anos de serviço é entregue a um lavrador, para seu uso, com a obrigação de o apresentar, durante cinco anos, para as manobras. Findo este prazo, o cavalo é propriedade sua, sem mais encargo de espécie alguma.

A Inglaterra e a França só à sua parte, até o meado do ano passado, tinham importado 21.000 cavalos da República Argentina, além dum avultado numero, que creemos não andar longe de 75.000, dos Estados-Unidos, do Canadá e da Austrália. Em principios do corrente ano as remessas elevavam-se já a perto de meio milhão de cabeças, incluindo os animais destinados ás viaturas da artilharia e outros serviços dos exércitos.

O transporte, atravez do oceano, de tantos milhares de animais, é um problema que apresenta dificuldades imprevistas. Cada cavalo, a bordo, separado dos seus vizinhos por uma baia alta e outra baixa, é limitado a um espaço tão estreito, que não se pode deitar durante a viagem. Entre duas séries de quinze cavalos deixa-se um espaço vago, para onde cada animal é conduzido todas as manhãs afim de ser limpo. As pranchas que formam o sobrado da improvisada cavalaria, são retiradas de tempos a tempos, limpas e desinfectadas com um liquido apropriado, depois do que são novamente postas nos seus lugares. Os cavalos bebem quatro vezes por dia: ás sete da manhã, ao meio-dia, ás quatro da tarde e ás nove e meia da noite.

Cada animal tem dez minutos de exercicio diariamente, excepto quando o tempo está mau. Calcula-se que para êste fim se necessitam sessenta homens por cada tresentas cabeças.

Depois de quatro ou cinco semanas de permanência em

pé, os animais experimentam grande fadiga, e se acontece deitarem-se, ha dificuldade em os levantar. Afim de evitar trabalho, passa-se por baixo de cada solipede uma larga tira de linhagem, que se liga ás duas baias altas a que acima aludimos.

Estes esclarecimentos deixam entrever as dificuldades que apresenta o transporte das enormes quantidades de solipedes, que por causa desta guerra a Europa tem drenado da América.

Num artigo publicado na *Armee Zeitung*, de janeiro do corrente ano, diz um oficial alemão, referindo-se ás qualidades de alguns tipos de solipedes: "No ponto de vista de resistência, o cavalo da Prússia oriental é o melhor. Os cavalos franceses e ingleses, capturados, são boas montadas para as praças, mas os segundos são em geral melhores do que os primeiros. O cavalo russo tem qualidades para montada de oficial. O cavalo cossaco é extraordinariamente rigido, inflexivel, ótimo para transportar pêsos."

Outro articulista, referindo-se ao cavalo argentino, que tão directamente nos interessa, acha-lhe má conformação, aparência pouco elegante e falta de intelligência, que o torna impróprio para o serviço militar.

Tais são as unicas referências que por agora encontramos na imprensa estrangeira aos cavalos de guerra de algumas nações.

Para fazer face ao enorme dispêndio de cavalos que esta guerra exige, e talvez como conquista dos sentimentos humanitarios para com os animais, organizaram algumas nações beligerantes hospitais veterinários, onde são prodigalizados todos os cuidados aos cavalos doentes, susceptiveis de cura.

Nos fins de novembro de 1914 instalou-se em Insterburgo, na Prússia Oriental, um dêsses hospitais, onde são observados todos os preceitos da mais escrupulosa hygiene.

Dizem as estatisticas que entre novembro de 1914 e maio de 1915 foram recebidos neste hospital 1905 cavalos, dos quais 973 foram curados, 103 mortos por soffrerem de mormo, 128 vendidos para matar e 554 ficaram no hospital. Os restantes tiveram diferentes destinos. Todo o pessoal em serviço nêste hospital e nos outros similares, com excepção dos veterinários, pertence á *landsturm*.

Tambem a sociedade da *Cruz Azul*, benemérita agremiação inglesa particular, para atenuar os sofrimentos dos cavalos, instalou em França 12 hospitais, cada um com capacidade para 300 a 500 cavalos.

E' curioso tambem registrar que para tornar menos visiveis de longe os solipedes russos ou brancos se têm empregado abundantemente soluções de permanganato de potassa.

Como vão longe os dias em que os cavalos, êsses bons companheiros do homen, eram abatidos aos milhares para aliviarem a impedimenta dos exércitos, como se viu na retirada do Moore, na Galiza, em 1809!

Outubro de 1916.

TEIXEIRA BOTELHO.

Tenente-Coronel de Artilharia



O automobilismo militar em Verdun

Os verdadeiros ensinamentos da guerra actual, quer técnicos, quer militares, virão depois da guerra, como sempre tem sucedido, quando os espiritos se acalmem e esses ensinamentos possam difundir-se sem inconveniente nem perigo, e quando não sejam, como por enquanto, vagos e incertos. Então será ocasião de fazer alguma coisa de proveitoso nesse sentido.

Por enquanto ha que ter paciencia e conformarmo-nos com qualquer informação que, sem deixar de ser interessante, seja mais puramente tecnica do que militar. Está nesse caso um artigo publicado pelo *Scientific American* no n.º correspondente a 8 de julho ultimo, intitulado: "The miracle of Motor Transport"—*How Verdun, cut of from the Railroads was seved*, no qual, como o seu titulo indica, se põe em destaque o alto serviço que os automoveis e camions prestaram na campanha, como bem se pode chamar, de Verdun.

O texto do artigo é o seguinte:

"Verdun, como Paris, foi salvo pelos camions automoveis. Desde o dia memoravel da batalha do Marne em 1914, quando o exercito de Paris, de 600:000 homens, foi subitamente lançado sobre o flanco do exercito de von Kluck, mediante o emprego de alguns milhares de veículos automoveis, e cuja presença fez mudar a face da guerra até á defesa de Verdun, a qual continua, vai relativamente um curto espaço de tempo, o que não impede que durante ele as viaturas automoveis tenham realizado verdadeiros milagres.

Para bem poder compreender a maravilha realizada pelo automobilismo militar em Verdun e como tal poder a dita praça forte ou campo entrincheirado resistir, é preciso, antes de mais nada, dizer alguma coisa ácerca da situação ou condições em que a praça se encontra—ou se encontrava—no territorio francês e do objectivo estrategico que os alemães

tinham em vista ao atacal-a. A'cerca deste ultimo diremos, desde já, que a indole do ataque alemão é essencialmente politica. Verdun é para os alemães o mesmo que a Alsacia, para os franceses, e basta recordar, em apoio do que dizemos, que foi em Verdun onde o imperio alemão de Carlos Magno fora dividido. Tomar Verdun seria, por outro lado, assestar um rude golpe moral sobre o espirito do povo francês, que vive (ou vivia) na crença de que o campo entrincheirado de Verdun era inexpugnável.

Não quer isto dizer que o general Joffre tivesse tambem esta opinião. O general Joffre e o seu Estado Maior sabiam perfeitamente que Verdun era o ponto mais fraco da toda a linha francesa. Porque?

Porque a rapida demolição das grandes fortalezas de Liège, Namur e Maubenge, havia demonstrado a completa *futilidade*¹ das fortalezas para resistir aos terriveis bombardeamentos levados a efeito nesta guerra, e além disso porque Verdun por si proprio, constituia um saliente na linha exposta simultaneamente aos fogos de frente e de ambos os flancos.

Mas, não era só isto. Em Verdun, concorria tambem outra circunstancia muito a ter em conta sob o ponto de vista militar. Era o ponto mais difficil de abastecer e a socorrer de toda a linha, por ter ficado, em consequencia dos incidentes da guerra, privado completamente de toda a comunicação ferroviaria com o resto da França. Todos se recordam, de facto, que os alemães quando se apoderaram de Saint-Michel, em setembro de 1914, cortaram a comunicação ferroviaria que ligava Verdun á linha ferrea de Paris a Nancy.

E, ainda depois da retirada do Marne, continuou a ser impossivel a circulação por esta linha ferrea, com o constante bombardeamento a que os alemães a submeteram, com os seus canhões de grande alcance, estabelecidos em Varennes e Montfaucon.

Por conseguinte, as comunicações de Verdun por via ferrea com o interior do país, ficaram reduzidas a uma simples linha de via reduzida que a punha em comunicação com Barle-Duc, cuja via era completamente impropria e deficiente para atender ás necessidades das forças defensoras, tanto por

¹ É palavra do texto original.

causa das suas fortes rampas, como pela morosidade com que era forçoso fazer o serviço. Em semelhantes condições, Verdun ficava praticamente isolado do resto do país, pelo menos no que respeita ás comunicações pela linha ferrea.

Emquanto Verdun poude ser defendido por um contingente de forças relativamente pouco numeroso, o abastecimento de viveres e munições para a sua guarnição, foi assunto relativamente simples de resolver, recorrendo aos camions automoveis. Mas, as coisas mudaram completamente de aspecto no momento em que os alemães, desde o principio do ataque, acumularam, para o realizar, cêrca de 500 mil homens e uns 2:000 canhões na reduzida frente. Disso resultou para o serviço de transportes um tão tremendo, complicado e fatigante trabalho, que, conforme está confirmado semi-oficialmente, o general Joffre, chegou a ordenar a evacuação de Verdun, em razão do grande sacrificio que a sua defesa impunha.

Para o general em chefe, Verdun com os seus fortes dismantelados e defendido pelo exercito entrincheirado com a sua artilharia, disposta em posições ocultas, era exactamente o mesmo que outro ponto qualquer da linha.

Diz-se, de facto, que a tomada do forte de Douaumont pelos alemães teve logar quando já o general Joffre havia dado a ordem de retirada. E, se Verdun não se rendeu então foi isso devido a que a acção politica exerceu pressão sobre a acção militar.

E, aqui teve origem o milagre a que acima aludimos do automobilismo militar, pois bem merece esse nome o trabalho por ele realizado, de transportar primeiro a Verdun, proxima-mente 250 mil homens e abastecer depois este enorme contingente, de tudo o necessario em viveres, material, armamento e munições, sem prejuizo ao mesmo tempo da evacuação dos feridos e doentes. Foi a primeira vez que na historia das guerras da humanidade, um exercito verdadeiramente gigantesco, dependeu completamente para todas as suas necessidades do abastecimento e evacuação dos veículos automoveis. E, é para notar, pelo que respeita a este ponto, que a quantidade de munições gasta pelos franceses na defesa de Verdun, é mais do que a que se consumiu em qualquer batalha de quantas regista a historia, mesmo de batalhas feridas em razão da ofensiva francesa, no ano anterior na Champagne.

Convençamo-nos, portanto, de que foi um verdadeiro milagre ter o automovel sido capaz de abastecer, não só de munições um tão grande exercito de socorro, e fornecer-lhe logo os viveres e mais elementos, assim como tambem numerosos canhões pesados e ligeiros.

Este milagre do serviço de transportes por automoveis, inutil é dizer, não foi realizado em um só dia. Mais; não fôra possivel realizal-o se não se tivessem preparado convenientemente *as coisas* com muitos menses de antecipação.

Estes preparativos consistiram na construcção duma estrada completamente nova para pôr o campo entrincheirado de Verdun em comunicação com o interior do país e na organização de um sistema completo de serviços, mediante o qual fôra possivel realizal-o com milhares de automoveis e camions de todas as marcas e modêlos encarregados de ministrar ao exercito defensor toda a especie de elementos necessarios para poder desempenhar a sua missão. E é a esta admiravel organização de serviços que se deve o tornar possivel que o transporte se tivesse realizado com toda a eficacia e satisfação, não obstante as dificeis condições em que se efectuara, de fórmula que o exercito defensor recebesse, não só os reforços precisos, mas os viveres e munições de que necessitavam para poder resistir á mais formidavel investida realizada pelo inimigo, desde o começo da guerra.

A primeira preocupação do general Herz, chefe do exercito defensor de Verdun, ao começar o ataque do inimigo, foi a relativa aos caminhos e comunicações.

Este general previu, com bastantes menses de antecipação, os muitos obstaculos e dificuldades que ofereceria um serviço de transportes por automoveis — unico possivel — no caso do campo entrincheirado ser seriamente atacado e ter que o defender. E, prevendo estas dificuldades, ordenou a completa reconstrucção da estrada ou caminho vicinal que ligava Verdun a Sainte-Disier e Bar-le-Duc. Este caminho, como muitos outros similares da França, era demasiado estreito para as exigencias de um serviço desta indole, e tal como estava, tornava-se impossivel evitar aglomerações que teriam sido de funestas consequencias em um caminho por onde deviam circular milhares de automoveis e camions nas duas direcções (ida e regresso) simultaneamente.

Tendo tudo isto em conta, o referido caminho foi inteiramente reconstituído.

Os engenheiros militares renovaram o pavimento e duplicaram a sua largura, e em alguns troços até a triplicaram.

Fizeram-se também alargamentos em certos e determinados sitios, onde puderam ficar os automoveis que experimentassem alguma avaria enquanto esta era reparada, para cujo fim, em todas as aldeias, distantes da estrada, se estabeleceram depositos de peças avulsas de todas as qualidades e oficinas de reparação com todos os elementos necessarios para poder fazer face a qualquer incidente ou eventualidade que pudesse ocorrer ás viaturas, sem nada esquecer para que fôsse possivel fazer estas reparações no minimo de tempo possivel. Estas oficinas de reparação e depositos foram dotadas com ferramentas para o pessoal cuja competencia, em assuntos de automobilismo, era bem notoria e cuidadosamente escolhido para que podesse efectuar as reparações necessarias sem hesitações e pôr de novo o veículo avariado em condições de continuar o seu caminho no mais breve prazo possivel de tempo. Além disto, os habitantes da região, perfeitamente conhecedores do terreno situado á rectaguarda de Verdun, foram dispostos por varias aldeias detraz da linha de combate, para servir de guias aos conductores das viaturas e evitar que o caminho se obstruisse com a acumulação de viaturas.

No terreno despovoado, entre cada duas aldeias, foram estabelecidos postes indicadores no caminho para servir de guia aos conductores, em cujos postes se lia: *Par Verdun*. Já muito á rectaguarda, no interior da França, foram organizados e dispostos, com antecipação, milhares e milhares de automoveis, na previsão de ataque, sendo destinado cada veículo ou grupo de veículos ao transporte de um artigo ou elemento determinado, segundo as suas condições; este devia levar, por exemplo, carne; aquele, outras rações; o de mais além, unicamente munições, e outros, por ultimo, canhões de todos os pesos, calibres, tamanhos e sistemas, sem prejuizo, além disso, de que todos os automoveis pudessem trazer de regresso aos hospitais da base de operações, os doentes e os feridos com esperanças de cura.

Com todos estes preparativos feitos de ante-mão, não foi difficil dar as ordens quando chegou a ocasião, mas não foi

tampouco pequeno trabalho o que teve de realizar a intenção para pôr todos aqueles elementos em movimento sem desordem, uma vez que começou o ataque e que se tomou a resolução de defender a todo o transe o campo entrincheirado em questão.

Em um trajecto de mais de 50 milhas (uns 90 e tantos ou 100 quilómetros), á rectaguarda de Verdun, a nova estrada militar recentemente construída, completamente a coberto dos fogos do inimigo, foi percorrida por uma coluna interminável de viaturas automoveis de todas as especies e tipos, coluna que, no dizer dos que a viram, produzia mais o efeito de uma corrente d'agua ou arroio, do que o de um movimento de veículos.

A organização preparatoria, foi tão completa e a especie e emprego de cada veiculo tão acertada, que apenas muito excepcionalmente se observou um entorpecimento que deixava um claro no caminho que percorria aquela especie de caracol automovel, ao longo da estrada, caracol que marchava de ordinario com uma regularidade quasi cronometrica.

Os automoveis avançavam conduzindo os seus carregamentos, até chegar a certos sitios, de antemão determinados para cada um deles, nos quais lançavam rapidamente a carga que conduziam, carga que era logo transportada para as trincheiras por meio de viaturas puchadas por um ou dois cavalos. O regresso dos automoveis, quer vasilos, quer conduzindo feridos, efectuava-se com o mesmo movimento regular e uniforme que a viagem de ida. E, constantemente, sem interrupção dia e noite, este movimento de automoveis continuava sem cessar. Foi assim como eles realizaram o milagre da salvação de Verdun.

(Traduzido do *Memorial de artilleria*, por R.).

Os Dembos nos Anais de Angola e Congo

(1484-1912)

(Continuado de pag. 785)

Tendo o jornal de Loanda, «O Mercantil», publicado que as nossas forças sofreram uma grande derrota, o capitão Mata, de Calunga, em 26 de setembro de 1872, declarou no «Boletim Oficial» n.º 41, que ia chamar o editor aos tribunais, visto que as nossas tropas em numero de duzentos e cincoenta praças de primeira linha e moveis, servindo-se de Sassa como base de operações, manobraram á vontade durante oito dias e atacaram a banza do Cazuangongo.

Não se refere ao Caculo Cahenda (o que confirma a nossa opinião atraz, de este dembo não ter sido batido).

O «Boletim» n.º 44 noticia o regresso da parte da coluna a Loanda, em 27 de outubro, sendo festivamente recebida.

*

* * *

Em 9 de dezembro de 1872, pelo tenente coronel de caçadores Miguel Gomes de Almeida, foi dirigido o seguinte officio, n.º 6, ao Secretario Geral do Governo:

«Em referencia ao officio n.º 1:729 da Repartição Militar, respondo:

«1.º— Logo que soube que o chefe do concelho dos Dembos abandonou o seu posto, mandei-lhe um officio, mas já tinha continuado a fuga para Loanda;

«2.º— Reconheço a necessidade de reocupar os Dembos e a maneira mais facil parece-me reunirem-se nesta vila do Golungo Alto trezentas praças de primeira linha e seiscentos empacaceiros (segunda). Submeter-se-hão primeiro os sobados Bango, Quilombo, Massengue, em dez dias de correrias. De-

pois seguir-se-ha imediatamente para os Dembos, entrando pelo N'Gombe Anamboá, *arrazando tudo até á banza do Caculo Cahenda, a quem não se deve ouvir nem aceitar contratos de paz, senão depois de batido e aniquilado o seu poder de Dembo, sempre altivo e incomodo, como V. Ex.^a o apresenta no seu por mim mui lido folheto «A Guerra dos Dembos»¹.*

«3.^o—De aí passar-se-ha a Sassa e com a coluna reforçada com os fieis Mahungos do Dembo Mulasa e do Dembo Quibaxe seguir-se-hão as operações por Cassatola.

«4.^o—Tudo isto se faz em quarenta dias, castigando-se sessenta anos de insubordinação dos Dembos com quem tantos governos se não teem atrevido».

*
* *
*

Por fim desta guerra dos Dembos, verifica-se que *a verdadeira coluna de 1872 se compunha apenas de duzentos e trinta (215 a 250) homens, quasi exclusivamente indigenas, com poucos officiaes, com armamento obsoleto e que operou sem o valioso auxilio do caminho de ferro e de tantos outros modernismos, que não deixam faltar o pão, o cartucho e a propaganda, e que lutou com o N'Gombe Amuquiana e com gente desses dois colossos, Cazuangongo e Caculo Cahenda, cujos morros, em que assentam as banzas, se erguem como monstros, acima da humilde mas estrategica posição de Sassa, e ainda com os «mubires».*

Do fundo desta historia militar, devemos realçar especialmente a figura modesta e injustamente apreciada do alferes em comissão, José Inácio de Oliveira, o qual se conservou cercado pelos rebeldes, desde 25 de fevereiro até 11 de junho, defendendo o seu posto em Sassa com dezoito praças da primeira linha e trinta e duas de segunda, cheios de fome e de doenças, lutando por vezes com os rebeldes que o vieram atacar e

¹ De esta guerra escreveu o secretario geral, Eduardo Balsemão, uma descrição que se exgotou e não pude encontrar um exemplar. Porém, a historia presente, sendo baseada nos proprios documentos da guerra, rebuscados no Quartel General, e na nossa observação *in loco*, pouco poderá resentir-se da falta desse estimavel documento.

queimar as casas proximas da *Residencia*, não tendo esta de-feza em obras de fortificação.

Sem um louvor ao menos, pelo contrário, não vendo os seus serviços apreciados como é sina dos heróis autenticos, viu-se obrigado a pedir a sua exoneração em 20 de junho.

Ultimamente, abandonado pela expedição que, para retirar airosamente alegou que o concelho estava pacificado (palavras estas daquêle alferes) mas, a prova de que não estava, foi o ter de bater-se ainda nos dias 13, 14 e 15 em Calunga, onde deixou um destacamento de um alferes e vinte e cinco soldados; e não lhe sendo concedida a exoneração pedida, em 28 de novembro á noite, retirou para Calunga com vinte e dois mil e quinhentos cartuchos, quarenta e oito espingardas, uma peça de calibre 3, e um obuz, por não ter aí nem um feijão para comer!!

Os resultados da expedição de 1872, falharam á mingua de recursos e o governo sem poder providenciar e doendo-lhe a alma falar claro, mandando abandonar as nossas antigas posições nos Dembos, deixou isso dependente da resistencia, da honra e do patriotismo deste official subalterno.

Os primeiros tiros desta campanha foram disparados por êle (alferes Oliveira) e bem assim os ultimos ao passar o Zenza, perto de Quibila.

Assim acabou a celebre guerra dos Dembos de 1872, cujo desastre produziu um éco tão grande que ainda quarenta anos depois se atribue a esta guerra a declinação das prosperidades financeiras da Provincia, não só pela diminuição commercial e do imposto, mas mais pelas despezas que então se fizeram.

Com esta retirada desapareceu daqui o nosso dominio, o qual desde Salvador Correia tanto sangue nos havia custado e ía custar.

Foi então extinto o concelho dos Dembos.

As disposições em que os povos ficaram a nosso respeito, constam dum officio datado de 11 de março, publicado nos Boletins Officiais de 1872.

Como ficou dito dez anos atraz, o Caculo Cahenda antes desta celebre guerra dos Dembos, fez alguns apêlos ao governo portuguez, aduzindo epistolas de Sua Alteza o Rei do Congo, então D. Pedro V (Agua Rosada), que era um preto corpulento que continuava a viver em S. Salvador, já sem autoridade de facto, mas que se entretinha a escrever cartas aos dembos principais, porque estes, tambem, as recebiam e acatavam de joelhos, andando sempre em peregrinação para ali, como os Moçulmanos para Méca.

Tinha este rei o posto de tenente coronel, mas tendo por exemplo o referido soba Cabouco o de coronel, esta simples diferença mostra apenas a falta de proporção, de coerencia, dos governos na concessão das mercês, sempre ao acaso.

Em 1877 o audaz africanista inglês Henrique Stanley, tendo completado as explorações do missionario seu compatriota, David Livingstone, desce o Zaire e chega ao Oceano, realizando assim uma das mais profundas descobertas dos tempos modernos, que veio alarmar os geografos, comerciantes, homens de sciencia e sobretudo missionarios ingleses que trataram logo de aniquilar os vestigios da influencia portuguesa.

Em 1880, S. Salvador tornára-se um centro de atração de civilização europeia, sendo visitado por grande numero de viajantes, havendo ali feitorias portuguezas, francêsas e holandêsas, assim como missionarios tão respeitaveis ou mais do que as autoridades, sendo digno de registo, pelos seus serviços o padre, do Real Seminario de Sernache, Antonio José de Souza Barrôso (mais tarde Bispo do Porto) o qual, em 1881, fundou a missão de S. Salvador, que constitue a sua mais levantada gloria, conseguindo abater a influeucia que uma poderosa missão protestante tinha adquirido junto do rei. Evitou muitas guerras entre os povos, adquirindo tal prestigio sobre êles que o seu mais sagrado juramento era feito em nome do padre Barrôso.

Atraz dos ingleses seguem-se os belgas e outros; e o «Comité de Estudos do Alto Congo», em 1882 transforma-se em «Associação internacional do Congo».

Em 1884, os Estados Unidos Nortamericanos e a Alemanha, reconhecem a esta associação, direitos de soberania. Neste mesmo ano reúne a Conferencia de Berlim, da qual Portugal saiu espoliado em favor do novo "*Estado Independente do Congo*", dando-se-lhe para soberano Leopoldo II, rei dos belgas.

Devemos consignar o procedimento do ultimo rei do Congo, D. Pedro V (Agua Rosada) o qual ao derimir-se aquella questão pediu, por dedicação a Portugal, a occupação de territorios a que aquelle tinha direitos, o que se realizou de 1885 a 1886 o que talvez não succedesse se não fôsse a diplomacia patriótica da referida missão de S. Salvador.

Em 1891, a morte liquidava esse derradeiro representante do Congo primitivo (V. retrato a pag. 369 da "*Geogr. de Reclus*", e na illustração "*O Ocidente*", 1883), findando assim a historia antiga de um imperio regado pelo sangue de tantos martyres portuguezes, soldados e evangelizadores.

Em 1884, (reatando o fio da historia da guerra dos Dembos de 1872 e das suas consequencias) tinham passado as furias dos "*caculos*" e "*mubires*", e por isso que Salon Bensaude, representante de uma companhia de Minas de Ouro, andou em exploração pelo rio Lombige até 1888, embora com algumas armas de repetição e uma peça Krupp de pequeno calibre.

Em 1890, alguns povos da margem direita do Zenza, fronteiras ás divisões de Calunga, tendo-se desavindo com o *Cazua* (abreviatura gentilica de Cazuangongo) e querendo libertarem-se dêle, vieram a Loanda prestar vassalagem e pedir um posto militar, estabelecendo-se então, por portaria de 1 de setembro, o antigo concelho dos Dembos, ao N. do Zenza, lavrando-se auto da sua instalação, em 4 de novembro.

Os negocios da região passaram a estar a cargo de um Delegado, residente em Quichona, insignificante posto a oito quilometros a N. do sobado de Quinguengues.

Em 1898, os dembos Gimbo e Pango Aluquem enfadaram-se do nosso delegado, major de segunda linha Pedro

Francisco de Souza e correram com êle ¹, para a margem esquerda do Zenza, com a diminuta força que comandava e com todos os que nos eram afeiçoados, indo colocá-los no seu lugar Anibal de Barros, com quarenta soldados escolhidos, desempenhando-se bem deste difficil serviço. A Delegação passou a ser por algum tempo guarnecida por um destacamento de sargento de caçadores n.º 2.

Em 1900, o medico de marinha e naturalista Pereira do Nascimento, fez alguns estudos nesta região.

Em 1901, por decreto de 12 de junho, foi aquella concessão mineira considerada caduca.

Em 1904, o valoroso capitão de infantaria, Manuel de Oliveira Gomes da Costa, por ordem do governador Eduardo Ferreira da Costa, fez uma arriscada travessia da região, desde Calunga a Encoge, voltando pelo Alto Dande.

IV

Operações do Cazuangongo de 1907

Em principios de 1907, o capitão do Serviço do Estado Maior, João de Almeida Fernandes Pereira, por ordem do governador Eduardo Ferreira da Costa, fez tambem um reconhecimento á volta dos Dembos, pois esses povos não consentiam então, nem visitas de pretos extranhos.

Recebeu como elucidario uma *Breve Noticia por Informações* sobre o antigo Distrito dos Dembos, elaborada ou coordenada por João Henrique de Melo, tenente de infantaria, de rara folha de serviços, na qual este oficial dizia:

«A impunidade em que ficaram os revoltosos de 1872, tem-os tornado orgulhosos a ponto de outr'ora avassalados, exigirem hoje tributo de passagem ás comitivas. Tais são os Dembos Nabuangongo e Quiquengo, na margem direita do Lifune, *Caculo Cahenda* e Mulenda a E., que não recusam guarida aos criminosos e precisam de ser submetidos».

Esta noticia (sem desprimôr para o autor) contém, como é natural, muitas diferenças em confronto com a observação local, não só devido á correcção fonetica e ortografica, que

¹ V. anos de 1856, 1872 e 1913.

vão sofrendo os diversos nomes, mas ainda pelas alterações que se têm sucedido entre os potentados indígenas, que ora são conhecidos pelos nomes das terras, ora por títulos que adotam. Contudo, mesmo assim, á sua data, era a monografia mais perfeita da região, sendo para lamentar que só um ou outro governador publique estes originais tão valiosos e que tanto coadjuvam os funcionarios futuros.

O reconhecimento de João de Almeida, começára por Cabiri e proseguira por Sala Mubemba, Mabubas, margem direita do Dande, até á altura de Quibáxe. Aqui, veementes desejos devia ter aquele pioneiro de atravessar os Dembos por essa linha natural, simultaneamente militar e comercial, que vai de Quibaxe a Calunga passando por Sassa, e quiçá teria o presentimento de que a sua futura Felicidade Mavorcia consistiria em penetrar por essa linha com uma coluna, ligando assim os Dembos do Norte com a estação do caminho de ferro de Senze de Itombe.

Uma coluna contra os Dembos, só deveria ter os seguintes objectivos :

1.^o—Assegurar esta linha Senze-Calung-Sassa-Quibaxe-Encoje, com postos de etape ou de comunicação nas margens do Zenza, do Lombije e do Dande e com os pequenos postos intermedios, segundo as disposições do gentio, as quais, mesmo perante uma coluna enfraquecida, o futuro provou que seriam boas.

2.^o—Ocupar uma forte posição de cada lado e a meio desta linha, Caculo-Cahenda e Pango Aluquem, donde seguiriam ramais para os Mahungos (L) e para o Alto Dande (O).

Não avançaremos a afirmar que esta grande obra se fazia pacificamente, ou modestamente, e que o Cazuangongo assim isolado se teria apresentado, porque não é licito profetisar gratuitamente aquilo que só a experiencia o podia dizer. Porém, mesmo pela força das armas, na região não ha superior posição estrategica que a de Sassa, nem podem ser servidos por melhor base de etapes que a de Calunga.

Mas, como iamoz dizendo, o referido capitão foi obrigado a afastar-se para NE., tanto ele como o seu companheiro, o tenente Alfredo de Melo Vieira, os quais fizeram o reconhecimento a cavallo, disfarçados em funantes.

Seguiram para S. dos dembados Nabuangongo, entre Qui-

quengo e Ambuila, Encoje (2 de março de 1907), Éste dos Mabungos, Golungo Alto (17 de abril), Calunga, Luango, Quinguengues, Delegação dos Dembos, Muengula e Senze de Itombe.

Sucedendo ao governador geral Henrique Mitchell de Paiva Couceiro, receber o Relatório deste reconhecimento e sendo um entusiasta por operações, empenhou-se logo na preparação de uma coluna poderosa, que reduzisse os Dembos á submissão absoluta, á qual em 11 de setembro de 1907, passou revista o príncipe real D. Luíz Filipe, constituída por quatorze oficiais, duzentos e sessenta e um europeus e trezentos e desanove indígenas, num total de quinhentos e setenta — 570 — homens de primeira linha.

Além desta massa de valentes, a coluna compreendia mais duzentos e noventa e seis auxiliares de segunda linha (carregadores) num total de oitocentos e cincoenta e seis — 856 —, afora cento e tantos homens das guarnições dos postos de etape, um troço de degradados armados (sapadores), alguns *guerreiros muximbas*, trinta e sete solípedes, duas peças d'artilharia, duas metralhadoras, viaturas, material sanitario, fotografico, topografico, etc.

Os europeus foram armados com a espingarda de repetição Kropatschek e os indígenas com a excelente Martini Henry, de modo que *esta coluna ia vinte vezes mais forte do que a de 1872.*

Sem embargo, a maior parte dos europeus constituía uma valente unidade de presidiarios, alguns condenados ás penas máximas, homens perdidos e sem familia mas, conduzidos pelo proprio comandante da Casa de Reclusão, o já referido tenente J. H. de Melo. que os dominava com o seu prestigio, contando eles com anistias, consoante o seu comportamento, deviam manter-se disciplinados e corajosos segundo é natural de todos que se defrontam com os perigos. Desejariam até combater muito, porque as obras pacificas, modestas ou civilisadoras, não rendem essas medalhas que, desde 1895 até 1911, iam fazendo esquecer que a abnegação e o desinteresse são as maiores virtudes patrióticas.

Da sua disciplina e valor não poderia duvidar-se, uma vez que, além de isto, contidos pelas fadigas e pelo respeito que impõem também outras tropas, tinham pela frente os zagalotes do inimigo e pela retaguarda as balas dos fuzilamentos do Código de Justiça Militar de 1896, para o que a coluna foi dotada com um Conselho de Guerra a exemplo da coluna de Roçadas.

E a prova de que foram valentes di-lo *Um belo exemplo* a pag. 484 da «Revista Militar» de 1910, contado pelo major Eduardo Barbosa, primoroso escritor, que sabe dar vida, grandeza e côr aos episodios coloniais, sendo certo, como o disseram todos os companheiros de armas e como se comprova por um «Seculo» de outubro, esse Belo Exemplo que honra tanto o comandante como o comandado, foi praticado exatamente por todos.

A época já ia adiantada para operações demoradas, mas o governador fel-as coincidir quanto possivel com as do Cua-mato.

Seria isso de efeito moral para o gentio, porém, desta confusão de vitórias e de comoções patrioticas resultou não terem os efeitos da maior ficado com o proporcional e justo relêvo.

Em 19 e 20 de setembro de 1907, seguiu de Loanda esta terceira grande expedição contra os Dembos, tendo por objetivos os seguintes do Relatório das Operações—1.^a edição, oficial:

- 1.^o—Reconhecimento do rio Dande;
- 2.^o—Castigar os povos que não deixassem passar;
- 3.^o—Ocupação á medida que se fôsse batendo.

No nosso modesto entender o governo geral sacrificando uma das maiores colunas militares coloniais ao serviço de um rio destes, que aliás continúa por reconhecer, e não lhe impondo outros objetivos tais como o de *estabelecer postos em pontos importantes e seguros que, sem combater quebrantariam desde logo os entusiasmos dos mais rebeldes, praticou um erro irreparavel de origem.*

A coluna após a chegada á estação do caminho de ferro de Cabiri marchou sobre o dembo Sala Mubemba, mas este tinha fugido. A mesma esboçou o posto do Casal, em 24, e pretendeu dirigir-se directamente ao Cazuangongo.

No Caculo Cahenda pensou-se então bastante, mas desis-

tir-se-ia da sua ocupação, não só porque estava mais longe, mas porque estaria reservado para operações áparte, dirigidas simultaneamente contra os grandes dembos do Norte, conforme se ponderava na referida «Noticia». Do contrario não se compreende que dos três protogonistas da guerra de 1872, o principal não devesse ser batido em primeiro lugar conforme prescreve a Estrategia.

Foi incorporado na coluna o já citado major de segunda linha, Pedro Francisco de Souza, anteriormente chefe do concelho de Zenza do Golungo e Delegado do Governó nos Dembos, que conhecia a região melhor do que ninguem, mas afinal pouco guiou e no fim de penosas marchas, a 12 de outubro, a coluna chegou a S. Silvestre do N'Gombe Amuquiama, cujos povos não estiveram para guerras.

Daqui seguiu a coluna para o Pango Aluquem, onde também foi bem recebida.

Em 15 de outubro porém, estava a coluna totalmente cercada de inimigos ocultos detraz de obstaculos os mais dificeis, no vale de Colume, exatamente onde a de 1872 sofrêra o maior dano (passagem do Quiulo). Note-se como é conveniente conhecer-se a historia.

Movia-se em compridas «bichas» atravez do mato e mal encontrava qualquer clareira para bivacar.

No dia 16, incendiava as zanzálas de Lombe e Imbundo.

No dia 17 dirigiu-se para a *Delegação* em Quichona, onde se verificaram as baixas dos ultimos três dias: quatro praças e seis carregadores mortos; o comandante, um alferes e vinte e quatro praças feridos.

Da Delegação poude a coluna comunicar com o exterior, sendo abastecida da estação de etapes de Zenza do Golungo para a de Cabungo; e da estação do caminho de ferro de Senze de Itombe para o posto de Quinguengues.

Em 19, a coluna marcha sobre a banza Cazuangongo, sem impedimenta, a não ser uma peça, indo as praças aliviadas e a cavalaria desmontada; os pelotões em duas fileiras uns atraz dos outros¹.

¹ V. apreciações desta tactica nos «Preceitos de Guerra nas Colonias» — *Revista Militar*, n.º 7-1916.

Travam-se os combates de Quimassa e de Quilemba e retrocede pelo Gimbo Aluquem (Xingo) cuja sanzála o gentio incendiou, e bivaca.

Em 20, prosegue a marcha sobre o morro Cazuangongo. A peça continúa a expedir granadas cujo tiro a vegetação não deixa regular.

A fim de se transpôrem enormes abatises e obstaculos, a coluna rompe debaixo de fogo e alcança enfim, já a arder, a almejada banza.

A coluna volta para a Delegação e ao passar por Quilemba destaca dois pêlotões, encarregados de construir um posto militar no môrro de Maravila, a quatro centos metros de altitude e a hora e meia a dentro da fronteira Sul dos Dembos (Zenza), junto á banza do Gimbo Aluquem.

Ao inicio deste posto, presidiu o considerado alferes, José Augusto Monteiro, sendo seguidamente este monumento batizado com o nome de «João d'Almeida».

No dia 24, achou-se aqui presente toda a coluna, a qual passou a dirigir-se contra os sobas Zongue, Bambe e Muando, aliados do Cazuangongo.

A maior resistencia foi encontrada na sanzála do Muando, em 25, a qual o gentio tinha defendido com grandes «covas de lobo» (em forma de funil, bem mascaradas e com os devidos espêtos no fundo).

Em 27, foi raziada Mucumbi e em 28 o Quissêmo e o Quilombe, sendo feridos outro oficial e umas praças.

Em 30, construe-se um blocáus (Mucumbi) a hora e meia de Maravila para assegurar a passagem do rio em direcção a esse posto.

Em 31, é raziada Quimbungo Gombe do Sassa.

Em 6 e 7 de novembro, o gentio da banza Cazuangongo e dos robêtas deste, reunidos em Mandele, é tambem batido, as cubatas incendiadas e as lavras destruidas.

Nesta altura, diz o Relatorio das Operações de 1907, que o caminho para Sassa estava fechado e ainda:

«As marchas e combates estavam produzindo os seus efeitos. Ao toque de doentes, apresentaram-se mais de cem praças, Se se passasse uma revista rigorosa, poucos escapariam. *A coluna resolve pois, proseguir as operações contra os dembos Zambi Aluquem, Qnibaxe Quiámubemba, Caculo Cahedda, etc.»*

Ao sair de Loanda, o ideal da coluna era, como já fizemos vêr, Caculo Cahenda, que sendo ocupada, facilitaria a irradiação das ocupações ou operações restantes, mas este caminho não se poude levar ávante mais por prudencia do que por falta de guias.

Não nos faz sentido, uma coluna, que não estava desembaraçada do Cazuangongo e que apresentava mais de cem doentes diários, ir bater-se com dembos muito mais poderosos e internados.

No entanto, vamos a vêr essas operações.

Existe caminho facil da sanzála de Gombe do Sassa (raziada em 31) para Caculo Cahenda, mas á coluna, de certo não conveio tomál-o, vindo o referido alferes preparar a passagem do Zenza, construindo a 12 de novembro o blokáus do Luango.

Era esta a melhor solução (com a diferença, porém, de ser tardia), visto que, de outro modo, as comunicações para S. Antonio de Caculo Cahenda lhe podiam ser cortadas imediatamente pelo Cazuangongo e, neste caso, se a coluna fôsse mal recebida, ficaria irremediavelmente perdida.

Em 17, é o dembo Quibaxe Quiámubemba, virtualmente conquistado com uma carta que mandou á coluna.

O dembo Zambi Aluquem mandou fazer o mesmo ao Quango.

Os sobas N'Gonguembo, Mussusso e N'Golanguimbe deixam por uns dias de exigir tributo de passagem pelas suas terras.

Os dembos Cavunga Capacaça, Cavunga Cahui e o soba Sassa, declaram igualmente ser amigos do governo e aceitarrem, se fôsse preciso, um posto, um forte ou uma fôrtalesa.

O Caculo Cahenda "o maior de todos os dembos" em 1872, foi o ultimo a ceder ao convite, para mandar fazer os seus salamaleques (sem prejuizo de ser acusado de ter consentido certos auxilios prestados ao Cazuangongo e de ter nesta altura mandado abrir junto da ribeira Xinge uma grande cóva com o fim de para lá arremessar os brancos que o seu povo contava matar) ¹.

(Continúa).

¹ Constatado em 1912, pelo comerciante Dáries e outros europeus.

Obras oferecidas

- 1 **Guia Prático para leitura de cartas topograficas**, por JOÃO ANTONIO CORREIA DOS SANTOS, major de infantaria com o curso de estado maior—Lisboa, 1916. 1 opusc. de 74 pag. (0^m,22×0^m,15) acompanhado de 1 carta a côres na escala 1/20.000, 2 cartas corograficas de Portugal na escala 1/100.000, 1 reprodução de 1 folha da carta 1/80.000 do Estado maior francês e reprodução dos arredores de Metz na escala 1/80.000. — Preço \$65 centavos.

É um trabalho da maior utilidade, que será devidamente apreciado, por certo, pelos officiaes que fazem parte das tropas expedicionarias, e por aqueles que constituem as reservas das ditas tropas. Diz o autor, no prefacio do seu trabalho, que, sendo a leitura das cartas topograficas e o seu emprego uma coisa tão simples, poucas eram as instruções, que ele conhecia, que tratassem do assunto.

Incumbido da instrução dos medicos milicianos na Escola anexa ao Hospital militar de Lisboa, a experiencia demonstrou-lhe a necessidade da existencia de uma guia orientada no método de ensino applicado directamente sobre as cartas, e lançou logo mãos a esse trabalho, que não demorou viesse á publicidade, e hoje anunciamos.

É incontestavel, que foi um serviço prestado á instrução não só dos officiaes milicianos, mas ainda aos mancebos, que frequentam o 2.º grau da Instrução Militar Preparatoria, de cujo programa de ensino faz parte a leitura de cartas topograficas.

Mas, os officiaes habilitados com os cursos das respectivas armas não perderão egualmente o tempo, lendo o trabalho do sr. major Correia dos Santos, tendo assim occasião de rememorar a antiga cultura, tanto mais que ele contém informações sumamente curiosas, com intima ligação com o assunto principal.

Pelas razões expostas, não duvidamos aconselhar a leitura daquela *Guia*.

- 2 **Peças para bater aeronaves**, por E. A. RAMOS DA COSTA.—1 opusc. de 16 pag. com 9 figuras (0^m,21×0^m,14).—Lisboa, 1916.

O sr. capitão Ramos da Costa é um official que honra a arma em que serve, pela dedicação que vota ao estudo dos assuntos da especialidade. O opusculo agora publicado é uma demonstração mais da asserção anterior. O assunto que nele se ventila é da maior actualidade, sendo exposto com a devida clareza quanto ácerca dele se tem empreendido,

não sómente nas nações aliadas, mas ainda nos imperios centrais. As figuras, que acompanham o opusculo, mais esclarecem a materia exposta.

No final, apresenta-se um mapa, contendo os «Dados numericos e balisticos das peças para bater aeronaves». Como se vê desta breve indicação, tudo convida a lêr o trabalho, que anunciamos, que é separata da *Revista de Artilharia*, jornal que tanto se distingue pela competencia com que trata todos os assuntos da especialidade.

- 3 Capitão A. J. TEIXEIRA—**Serviço de patrulhas na Infantaria.**
—1 opusc. de 84 pag. (0^m,17×0^m,11).—Bragança, 1916.

O titulo esclarece desde logo o assunto da obra. Tendo reconhecido como comandante de uma companhia de instrução, a insuficiencia do regulamento de campanha, para os graduados que se encontram repentinamente no comando de uma pequena fracção de tropas, foi intento do autor, suprir essa deficiencia, por meio de uma compilação da doutrina, que encontrou esparsa por varias fontes de incontestada autoridade, as quais enumera no fim do seu trabalho. O facto revela o grande interesse que o sr. A. Teixeira vota á causa da instrução da sua arma, o que representa nos tempos que vão correndo merito digno de menção e de encorajamento. Estas contribuições para o desenvolvimento da instrução, por mais modestas que se apresentem, tem sempre importancia decisiva para a causa da conveniente preparação da guerra.

- 4 ANTONIO DE FIGUEIREDO DO NASCIMENTO VEIGA — **Pan-Lusitanismo.** —1 opusc. de 30 pag. (0^m,19×0^m,14).—Lisboa, 1916.

E' um canto em honra da grandeza da Patria, a materia condensada no curto numero de paginas, que este opusculo contém. E, trabalhos desta natureza, leem-se sempre com prazer, porque avigoram a alma, ainda dos mais desalentados. Como a vida seria triste sem espiritos entusiastas, que assim se empenhassem em engrandecer a patria, que nos deu o ser! O autor condena quanto vê, que represente desalento, e aspira nobremente ao resurgimento e vivificação da nacionalidade lusitana. Não podem deixar de o acompanhar nobremente em tal propaganda, e de o apontar á opinião pública, como patriota digno de consideração, todos os que présam a nossa nacionalidade, embora divirjam de um ou outro processo, que o autor julga essenciaes para o conseguimento dos fins em vista.

- 5 ANTONIO FERNANDES VARÃO, capitão de infantaria — **Manual do concurso para o posto de segundo sargento de infantaria.**
—1 vol. de 393 pag. (0^m,16×0^m,12).—Vila Real, 1916.

Não podia aparecer em melhor ocasião este *Manual*, do que no momento em que as exigencias da mobilização do exercito tem aumentado consideravelmente o quadro dos sargentos, obrigando os mancebos em varias situações militares e civis a prepararem-se condignamente para o exercicio das funções a que aquele posto corresponde.

O livro abre com a reprodução do—Programa do concurso respectivo—e logo seguidamente entra na exposição de cada um dos assuntos nele enunciados, oferecendo assim aos candidatos os recursos indispensáveis para que, sem maiores buscas e esforços, consigam adquirir os conhecimentos indispensáveis para poderem satisfazer convenientemente ás provas do concurso a que tenham de ser submetidos.

Escrituração, redacção, serviço de campanha e mobilização, tactica elemental, ginastica, armamento e equipamento, tiro, topografia elemental, serviço interno dos corpos e serviço de guarnição, disciplina e justiça militar, destacamentos e diligencias, etc., constituem as rubricas de outros tantos capitulos em que o autor busca elucidar os candidatos, de modo a assegurar-lhes o triunfo na conquista do posto a que aspiram.

E' um bom serviço, tambem, prestado á causa do desenvolvimento da instrução, e que demonstra todo o carinho que a esta vota o nosso camarada, sr. capitão Varão, pelo que muito digno se torna da consideração geral.

M. S.

CRÓNICA MILITAR

Alemanha

Superzeppelin. — A Alemanha realizou ultimamente algumas reformas para obter o aperfeiçoamento dos seus zeppelins.

Antes da guerra preparava-se já, sob o maior sigilo, a construção dos superzeppelins destinados a longas viagens.

A forma do superzeppelin não é já a que se assemilhava a um lapis ou a um charuto, mas a de um peixe colossal, cujo volume representa 32 mil metros cubicos, que pode manter-se no ar 12 horas, com uma velocidade de 100 ou 120 quilometros por hora, ao passo que os seus antecessores não passavam de 80 quilometros. Três minutos bastam para o monstro aereo se elevar a 760 metros, e 6 minutos para chegar a 4:000 metros d'altura, onde pode manter-se a navegar com toda a facilidade durante algumas horas.

A tripulação de um superzeppin varia entre 10 a 20 homens e o aparelho conduz 1:200kg. de explosivos. Está munido de um projector electrico de 40:000 velas.

DIVERSOS

Pequenos exercitos. — O exercito mais pequeno do mundo é o do principado de Monaco, que consta de 75 guardas, 75 carabineiros e 20 bombeiros.

O do Grão ducado de Luxemburgo, occupado hoje pela Alemanha, compõe-se de 135 gendarmes, 170 voluntarios e 39 musicos.

A lei estabelece que em caso de guerra, pode elevar-se o numero de voluntarios a 250.

A Republica de S. Marino, onde o serviço militar é obrigatorio, pode pôr em pé de guerra 950 homens e 38 officiais, sob o comando de um general. Em tempo de paz só ha uma companhia com 60 praças.

O exercito da Republica de Liberia, oferece um contraste graciosissimo na proporção de officiais e soldados, pois conta com 800 dos primeiros e 700 dos segundos.

A Liberia foi a primeira nação que na actual guerra, proclamou oficialmente a sua neutralidade.

O primeiro tiro em algumas guerras. — O primeiro tiro da guerra actual foi dado pelo monitor hungaro *Orsowa*, no Danubio, no dia 28 de julho de 1914, data da rutura de hostilidades entre a Austria e a Servia. O projectil daquele, alcançou um vaporsito, armado para a vigilancia do rio, metendo-o a pique, mas, os poucos soldados servios que iam nele, salvaram-se.

O primeiro navio que fez fogo, foi o destroyer inglês *Lance*, que surpreendeu no mar do Norte o lança-minas alemão *Koenniger Luise*, e afundou-o em 6 minutos. Ocorreu isto em 5 de agosto.

O primeiro tiro de espingarda do exercito inglês, foi dado por um soldado do 4.º da Guarda de Dragões, no dia 20 de agosto de 1914, e o primeiro de artilharia de campanha inglesa, deu-o a bateria E, proximo de Bray (Belgica) em 22 de agosto.

O primeiro tiro da guerra russo-turca de 1877, efectuou o no Danubio o monitor turco *Lufti-Defelil*, contra uma canhoneira russa, mas antes que se podesse efectuar segundo, recebeu um torpedo do adversario que o fez ir pelos ares.

O primeiro tiro da guerra franco-prussiana de 1870, disparou-o um cabo, que estava na frente de um posto de guarda na fronteira e matou um official alemão.

A guerra da liga balkanica contra a Turquia, foi iniciada por um campônês montenegrino, que matou, com um tiro, o chefe de uma patrulha turca no dia 8 de agosto de 1912, pela tarde.

O primeiro projectil da guerra russo-japonesa de 1904, foi lançado do mar contra Porto-Arthur, poucos minutos depois da meia noite de 8 de fevereiro de 1904. Foi o sinal para que os barcos de guerra japoneses atacassem a esquadra russa, ali ancorada, apesar de não estar ainda declarada oficialmente a guerra.

Varias noticias da actual guerra europeia. — O *Memorial del ejercito do Chile*, publicou ha alguns mêses uma serie de noticias de actualidade da grande guerra europeia, transcritas do jornal militar holandês *De Militare Spectator*, onde as escreveu o capitão P. J. von Munnekred, do Estado maior. Diz este official :

Os ataques em massas compactas

«Aparecem frequentemente na imprensa narrações de combates da guerra actual, das quais pode deduzir-se que os alemães executam os seus ataques duma forma que, de certo modo, faz recordar os ataques em massa dos tempos napoleonicos».

Essa apreciação não é correcta e depende de um erro de observação.

Os ataques em massas compactas dos alemães não são mais que ataques realizados pôr linhas sucessivas que se sucedem a curta distancia, afim de assegurar o reforço oportuno das primeiras.

Em conformidade com o regulamento alemão, conservam as ultimas linhas, a formação cerrada, antes de expostas ao fogo inimigo.

Vista a alguma distancia, é evidente que uma força consideravel que avance em semilhante formação, parece como em ordem cerrada. Nisto ha a acrescentar que os alemães nos seus ataques se preocupam mais em obter um pronto reforço das linhas de fogo e um avanço rapido, do que de precauções para diminuir as perdas.

«Como sempre, os alemães precipitam-se para diante», dizem os relatos dos ataques alemães na Curlandia, o que do lado russo é plenamente confirmado.

E' evidente, que em um ataque, levado a cabo com grande veemencia e energia, tem de se dar com frequencia uma accumulção de tropas em certos pontos, como é tambem natural e inevitavel que nas ultimas fases de um combate ofensivo, as tropas assaltantes se aglomerem nos pontos onde lhes parece mais facil romper a linha inimiga.

A esta circumstancia se deve, sem duvida, o rumor da forma antiquada que, segundo se dir, usam os alemães.

O ataque a uma posição fortificada

A respeito dos pormenores que até agora são conhecidos do ataque a uma posição fortificada ou a uma linha parcialmente reforçada com fortificações, pode-se deduzir o seguinte: Se a luta pelo terreno adiante da posição terminou favoravelmente para o atacante, poder-se-hão distinguir duas fases distintas no ataque á posição propriamente dita.

- 1.º—A luta pela superioridade do fogo ;
- 2.º—O assalto da infantaria.

A luta pela superioridade do fogo pode ser de longa duração, devido a que quasi exclusivamente, essa parte do combate é executada pela artilharia, que põe em jogo todo o seu poder para aniquilar a artilharia e a infantaria contrarias.

Grande numero de bocas de fogo e enorme quantidade de munições d'artilharia, dispõem-se precisamente em posições avançadas.

Durante o bombardeamento pela artilharia, trata a infantaria de se acercar da posição. Geralmente, isto pode fazer-se aproveitando a escuridão da noite, e o processo lento ou rapido do que se uza para esta aproximação, dependerá inteiramente da intensidade do fogo inimigo e dos meios de que disponha o defensor para iluminar o terreno na frente da posição.

Desde que a infantaria atacante tenha conseguido estabelecer-se em trincheiras a curta distancia da posição inimiga, espera-se pelo amanhecer para efectuar o assalto por surpresa.

Patrulhas de engenharia precedem as tropas assaltantes para cortar as redes de fio de ferro que não tenham sido destruidas pelo fogo da artilharia.

Durante o assalto, a artilharia não poderá continuar o bombardeamento

da primeira linha da posição inimiga, para não fazer paralizar com os seus tiros o avanço das suas próprias tropas.

Para apoiar o assalto, a artilharia atira sobre o terreno atrás da posição, sobre uma dada superfície, tal quantidade de projecteis que se torna absolutamente impossível para as reservas do defensor, aproximar-se do ponto ameaçado.

Este fogo denomina-se «fogo de barreira» e continua sem interrupção até que, se o assalto fôr bem sucedido, os vencedores conseguem preparar a defesa da posição tomada, ou em caso de revez, até que tenha desaparecido o perigo duma perseguição da parte do inimigo.

Luta pela superioridade do fogo

Antes da presente guerra, considerava-se geralmente que o objecto de combate de fogo da infantaria consistia em obter a superioridade do fogo sobre a infantaria inimiga. O regulamento holandês de infantaria, parece confirmar essa opinião quando diz no seu artigo 233.º:

«No combate de fogo, os comandantes de unidades tem a obrigação de tomar sempre as medidas necessarias para manter uma corrente constante de reforços até á linha de combate, *para conseguir obter a superioridade do fogo.*

Experiencias mais recentes, a respeito do ataque da infantaria, mostram-nos que não é muito provavel obter-se essa superioridade só com a infantaria atacante. E, como poderia ser doutro modo? Como poderia a infantaria atacante obter a superioridade do fogo sobre o defensor, quando este se encontrar constantemente e em todas as partes protegido por trincheiras, não se dividindo sequer a cabeça?

Estou convencido que a situação tal como se apresenta neste caso, é o mais desfavoravel possivel para a infantaria atacante, mas, ainda supondo a situação mais favoravel, a probabilidade em obter uma superioridade de fogo da parte só da infantaria atacante, é muito pequena.

Suponhamos que em um combate de encontro, um dos partidos tenha sido obrigado a optar pela defensiva. Não haverá oportunidade, então, para preparar uma posição fortificada que corresponda a todas as exigencias.

Tambem neste caso tão favoravel para a infantaria atacante, ela se verá empenhada em uma operação de éxito muito duvidoso, querendo tentar obter a superioridade de fogo por si só. As dificuldades quasi insuperaveis para alcançar este resultado, compreender-se-hão claramente, comparando o excellento alvo que oferece um grupo de atiradores durante os momentos que forçosamente tem de se mostrar de pé para ganhar terreno, com o pequenissimo que oferecerá o defensor, embora não disponha de protecção artificial alguma. Quer dizer: o atacante tem de expôr todo o seu corpo ao fogo durante grande parte do combate, enquanto que o defensor só apresenta como alvo a cabeça.

As enormes dificuldades que se apresentam á infantaria atacante para conseguir dominar só com o fogo das suas espingardas o do defensor, até ser possivel o assalto, tornam mais necessario do que nunca, o apoio de metralhadoras e de artilharia.

A experiencia constante da guerra actual demonstra-nos que não é sem motivo, que os beligerantes ligam uma tão grande importancia á preponderancia em numero dessas armas sobre o inimigo.

Em qualquer ocasião, quando não se pode contar com um apoio satisfatório daquelas armas, tem a infantaria de experimentar perdas enormes antes de poder chegar á curta distancia que torne possível o uso da baioneta e a granada de mão.

Os unicos meios de que se dispõe para diminuir essas perdas, são: aproveitamento inteligente do terreno e formações adequadas, reunidas a uma grande rapidês nos movimentos.

Oficiais e sargentos no combate ofensivo

Um combate conduzido segundo as exigencias de hoje, põe o moral das tropas, sobretudo da infantaria, em muito dura prova e por conseguinte, a poderosa influencia moral dos oficiais, sargentos e cabos. é mais precisa do que nuuca, para manter a disciplina e resistir á influencia dos elementos menos decididos. Por esta razão, é indispensavel para compreender aos oficiais e praças que é grave falta exporem-se *inutilmente* ao perigo.

Isto torna-se mais necessario, desde que ambos os beligerantes tenham dado instruções especiais para atirar primeiro sobre os oficiais e sargentos.

Os comandantes de pelotão ou de esquadra, que para fazerem alarde de valor, permanecem de pé ou ajoelhados na linha de atiradores, ou se colocam na frente das suas tropas para as animar por meio de grandes movimentos dos braços, pertencem á tactica antiga.

Os comandantes das pequenas unidades, colocam-se agora sempre na linha dos seus soldados e avançando com eles.

De fonte de absoluta confiança, recebemos a noticia de que os oficiais da infantaria alemã já não avançam deante das suas tropas, mas que se deslocam na mesma linha, afim de não se separarem das tropas, e levam geralmente uma espingarda na mão.

É evidente, que estas medidas não dão resultado se os oficiais e sargentos uzarem um uniforme que se distinga perfeitamente dos soldados. No exercito alemão reagiu-se muito energicamente contra os distintivos vistosos e uma das ultimas ordens imperiais expressavam-se muito decididamente nesse sentido. (Outubro 1915).

A condução do fogo

Outra questão não menos importante, é a maneira de proceder para facilitar a verdadeira e inergica condução do fogo que devem fazer executar os comandantes de pelotão e de esquadra.

A julgar por experiencias recentes, é evidente que nos nossos exercicios de paz se exagera a actividade destes ultimos, pelo menos na ofensiva.

Transmitir ordens em voz baixa de homem para homem na linha de fogo é uma forma de comunicação propria em um combate moderno.

As ordens assim transmitidas, não chegarão mais além dos dois ou três homens mais proximos de quem as dá e isso só se elas tiverem sido compreendidas pelo primeiro, o que muitas vezes não sucede.

A consequencia disto, é que deve tomar-se muito em conta, ao educar e instruir os atiradores, que o soldado no moderno combate de fogo, fica quasi sempre entregue á sua propria iniciativa.

O assalto

O assalto começa agora, a distancias muito mais curtas do que as que costumamos usar nos nossos exercicios de dupla acção em tempo de paz.

Assaltos que principiam a 200^m ou até 100^m de uma posição, onde o defensor se mantém firme, teem em si o germen da derrota.

50^m é uma distancia melhor para empreender esse acto, sempre arriscado. Não conseguindo penetrar na posição inimiga, é preciso exercer todas as influencias possiveis, para obrigar os homens a deter-se, para continuar o combate de fogo a mui curta distancia da linha inimiga. Uma retirada até 100^m do inimigo, ou mais além, pode conduzir ao aniquilamento.

A guerra de trincheiras

O que anteriormente foi comunicado com respeito á guerra de trincheiras, é confirmado pelas recentes experiencias.

A unica novidade a acrescentar, é que os abrigos e blindagens se constroem atualmente, em muitos casos, no talude posterior da trincheira, em vez de ser no talude anterior. Isto faz-se para dar ao parapeito uma maior resistencia contra o fogo a demolir de metralhadoras e da artilharia.

Os abrigos cobrem-se com um metro de terra de espessura, no minimo.

Tambem se costuma colocar a maior parte dos abrigos á rectaguarda da trincheira, ocupando esta ultima, só quando se deve fazer fogo.

As fortificações passageiras, que atualmente são construidas por recrutas alemães nas grandes praças de exercicios e nas guarnições, são da forma supra indicadas, sendo de supôr, que se lhes ensina o modêlo que aconselham as experiencias mais recentes.

Evitam-se longas linhas rectas; os travezos são mais largos do que dantes, e as regras para poder fazer fogo flanqueante são muito frequentes.

Chama-se a atenção para a quantidade desusada de metralhadoras que se colocam nas posições; em algumas partes, são as metralhadoras distanciadas a 30 ou 40 passos.

Esta abundancia de metralhadoras, facilita a occupação da linha de fogo, com muito pouco trabalho, especialmente durante o periodo do bombardeamento. Deste modo, trata-se de não expôr inutilmente a gente ao fogo do atacante. São frequentes sentinelas de observação para impedir as surpresas.

Para dar o alarme, usa-se o telefone; as trincheiras alemãs teem sempre uma rede telefonica.

Os obstaculos usados são redes de fio de ferro em geral. Evita-se a sua construção em linhas não interrompidas; em espaços regulares, deixam-se aberturas, que servirão para os contra-ataques e sortidas e que se fecham provisoriamente com «cavalos de friza».

Deante dos obstaculos encontram-se espalhados abrolhos, e colocam-se fios de ferro para fazer tropeçar, e laços do mesmo material para neles cair quem se aproxime.

Estes ultimos aparelhos não são dispostos tanto com o fim de impedir um assalto, mas para evitar que as patrulhas inimigas cortem as redes de arame que formam o verdadeiro obstaculo.

A 1^{kg.} á rectaguarda da ultima linha de trincheiras, encontram-se baterias de campanha, perfeitamente ocultas e invisíveis ao inimigo. Á rectaguarda destas baterias colocam-se os «obuzes», que não só se usam para destruir as fortificações inimigas, mas ainda para tomar sob o seu fogo, alvos situados de 5 a 8 kilometros de distancia, especialmente as reservas e colunas de munições e de aprovisionamento, que são descobertas pela exploração aerea.

A artilharia conhece perfeitamente as distancias exactas de todos os pontos no seu campo de tiro e uma constante e sempre atenta observação desde a primeira linha de trincheiras, torna possivel a immediata concentração do fogo sobre qualquer alvo que apareça. O observador está sempre em comunicação com as peças por meio do telefone.

Granadas de mão

O uso das granadas de mão, aumenta constantemente. Em alguns pontos, onde as trincheiras inimigas estão muito proximas, combate-se exclusivamente com essa arma. São preferiveis as granadas fabricadas com latas de conserva.

Enchem-se estas com pedaços de projecteis e com dinamite, levando uma mecha curta com explosor de fulmineto e são fechadas com soldadura.

Cada soldado leva para o ataque, 6 granadas.

Deita-se-lhes fogo, puxando-se por uma corda que faz explodir o fulmineto e encendeia a mecha. Arremessa-se em seguida a granada e a explosão da carga explosiva produz-se em 7 segundos.

Nos países beligerantes, ensina-se aos recrutas o lançamento de granadas. O método seguido nestes exercicios, que são muito frequentes, é o seguinte: Os recrutas colocam-se deitados no chão, munidos primeiro de granadas de exercicio e depois carregadas.

A um sinal do instructor, levantam-se rapidamente, correm 40 metros e lançam as granadas, tratando de as fazer cair sobre um alvo de 3 metros de largura, que se encontra marcado com cordas a uns 30 metros de distancia do ponto de lançamento.

Outra maneira, consiste em dispor os soldados em uma trincheira, diante da qual se encontra um fosso que simula o inimigo. Atiram-se as granadas devendo elas cair no fosso.

Deste modo, ensina-se o lançamento de granadas em França, em grande numero de pontos á rectaguarda das posições. Os cursos de instrução duram 4 dias. Quando estes exercicios se fazem com granadas carregadas, é preciso tomar algumas medidas de precaução para impedir os accidentes que podem ocorrer por causa de explosões prematuras. Para isso, estabelece-se uma pequena blindagem, proximo do ponto de lançamento, no qual, tanto o instructor como o instruendo, podem procurar abrigo.

Tiro directo da artilharia

Algum tempo antes de estalar a presente guerra, já os inspectores da artilharia haviam notado decidida predilecção pelo uso do fogo indirecto da artilharia de campanha, o que causava certo descuido na pratica do tiro directo. Os acontecimentos provaram que tais observações tinham razão.

É certo que, dados os aparelhos aperfeiçoados de pontaria de que hoje se dispõe, existem poucos alvos que não podem ser batidos com fogo indirecto,

mas ha situações de combate em que esta ultima especie de fogo não se pode empregar.

Nas primeiras fases do combate, não se faz notar, geralmente, a necessidade doutro modo de apontar, mas, quando chega a ultima parte do encontro, com os seus momentos alternados de avanço e retrocesso, é evidente que haverá ocasiões em que a condução do fogo escapa da mão do comandante da bateria. Se então as baterias não fizerem o tiro directo com a mesma perfeição que o indirecto, succeder-lhe-ha o mesmo que aos russos em muitas batalhas. Muito boas ocasiões foram perdidas pelos artilheiros russos, para causar numerosas baixas ao inimigo, porque não ligaram sufficiente atenção á instrução do tiro directo.

Acompanhamento da infantaria por peças no ataque

Quem tenha visto executar um ataque em manobras, no qual, uma ou varias baterias de artilharia de campanha acompanharam a infantaria em campo raso, não poderá deixar de se recordar, que esse meio não é suscetivel de se uzar na realidade. Não se pode negar que o emprego das baterias na forma indicada, se tornou mais difficil do que era na guerra de 1870-71.

Para fazer acompanhar as linhas de infantaria por baterias ou por peças isoladas, tem-se enraizado o sistema de avançar só com os observadores, deixando as peças nas suas posições abrigadas á rectaguarda; mas, este procedimento não proporciona á infantaria o energico apoio, que hoje mais do que nunca ela necessita.

A experiencia recente demonstra que não se pode deixar de fazer acompanhar a infantaria por alguma formação de artilharia nas ultimas fases de um ataque, apesar das perdas que esta ultima arma venha a sofrer.

Nesses momentos supremos, seria absolutamente inconducente querer executar esse apoio necessario com baterias colocadas muito á rectaguarda e dependendo, para o seu emprego executado, de uma extensa linha telefonica.

O melhor método parece consistir em executar o movimento de avanço da artilharia em diferentes pontos simultaneamente e com peças isoladas.

A cavalaria

A cavalaria na frente ocidental, parece ter caído completamente no esquecimento e tem agora muito pouca oportunidade para contribuir para a rapida terminação da guerra.

A principio, a sua situação era mui diferente. Então a cavalaria tomou uma parte muito importante nas operações da guerra, como se pode deduzir do seguinte :

Ao rebentar a guerra, o comando superior dos exercitos alemães, fez concentrar grandes massas de cavalos, que foram empregados na extrema da ala direita, quando foi invadida a Belgica, e cujo papel era esclarecer a situação por meio de reconhecimentos do inimigo e cobrir a marcha d'avanço das colonas alemãs.

Depois da queda de Liège, agregou-se a esse corpo de cavalaria, uma força dos batalhões de caçadores a pé, que haviam entrado na tomada da dita fortaleza e que depois não faziam falta.

Cada um destes batalhões, compunha-se de 6 companhias, a saber: 4 de

infantaria, 1 de ciclistas e 1 de metralhadoras. As companhias de ciclistas estavam quasi sempre agregadas aos esquadrões de reconhecimento que se deslocavam a grande distancia do grosso.

O grupo norte destas tropas montadas, que se compunham da 2.^a e 4.^a Divisão de Cavalaria, marchou em direcção a Haelen, onde em 12 de agosto, tratou de forçar a passagem do rio Grette, defendido pelos belgas.

Os dos batalhões de caçadores a pé, unidos a uma força de cavalaria apeada, tomaram a aldeia de Haelen, apoz um combate muito violento, no qual tomou parte importante a artilharia e as metralhadoras.

Não foi possivel aos alemães passar além de Haelen, porque a resistencia dos belgas numa posição a oeste desse ponto, impedia-o.

De Haelen marchou a cavalaria alemã na direcção de Antuerpia, por Diest, com o fim de retardar a concentração de forças belgas, que eventualmente iam reforçar as tropas na posição de oeste do rio Grett.

Ao mesmo tempo, se observava até Ostende, onde a exploração aerea tinha notado preparativos para um desembarque de tropas inglesas.

A cavalaria, inflectiu depois para a esquerda e dirigiu-se para Cambray, em cujos arredores os ciclistas e os esquadrões avançados tiveram contacto com tropas inglesas que chegaram de oeste.

A marcha continuou tão rapidamente, que em dois dias foram percorridos pelos batalhões de caçadores a pé, cerca de 130 kilometros.

Proximo de Catheniérs teve que se dar um renhido combate, apesar do cansaço das tropas. Um corpo de exercito, chegado muito a proposito, atacou os franco-ingleses, emquanto a cavalaria e os caçadores fizeram o mesmo no flanco, movimento que decidiu o combate a favor dos alemães.

Uma companhia de metralhadoras distinguiu-se muito neste encontro, causando enormes baixas a um batalhão inglês que tomou posição descuidadamente numa altura.

Combatendo constantemente, a cavalaria alemã continuou a sua marcha por Crepy e La Ferté até Coulommiers, não muito longe de Paris.

Aqui recebeu ordem de retirar, protegendo o flanco exposto das colunas alemãs na sua marcha retrograda.

Agora começa uma temporada muito dura para essa temeraria cavalaria.

O inimigo não a deixou descansar um só momento; combatendo sem cessar, teve que voltar pelo mesmo caminho por onde viera. Os caçadores, a artilharia e as metralhadoras, tiveram que permanecer constantemente na rectaguarda.

Um dia excepcionalmente duro, tiveram os caçadores em Gandeln, onde receberam ordem de retardar o avanço de numerosas forças britannicas. Esta ardua tarefa foi muito bem resolvida. Ocupando uma posição excelente, obrigaram o inimigo a desenvolver-se, mediante um violento e bem dirigido fogo.

Só quando foram ameaçados de ser envolvidos por ambos os lados e a cavalaria inglesa apareceu á rectaguarda, foi dada ordem para retirar.

Esta retirada foi muito difficil, porque teve que ser feita sob o fogo da artilharia, sendo as metralhadoras levadas ás costas.

Os caçadores retiraram-se em pequenos grupos e o movimento foi tão bem executado, que não ficou nas mãos do inimigo nenhum material de guerra, com excepção de uma metralhadora inutilizada por uma granada.

Duas horas e meia tinham os caçadores demorado inimigo.

A retirada continuou até Vie, onde passaram o rio Aisne. Em seguida, ajudou a cavalaria a rechazar um ataque dos franceses proximo de Soissons; dali marcharam rapidamente para Noyou, afim de se opôr ao avanço de novas tropas francesas, indo adiante os caçadores em automoveis para ganhar tempo.

Devido á prolongação da ala direita dos exercitos alemães na Belgica, a cavalaria recebeu ordem de deslocar-se mais para norte, o que não se pôde realizar sem varios combates em Roye, Chaulnes, Dompierre e Somme.

Depois da chegada de grandes reforços de tropas saxonias e bavaras, não houve necessidade de emprego da cavalaria nesta parte do teatro da guerra, recebendo ordem de se dirigir para a rectaguarda, em Zandvoorde, juntamente com os caçadores.

Quando se conheçam os pormenores deste «raid», se poderão, sem duvida, recolher muitos ensinamentos uteis nos ramos mais variados do complicado manejo de uma massa de cavalaria.

(Do Memorial del Ejercito do Chile).

(Continúa).

II

PARTE MARITIMA

Estados-Unidos

Apoz uma discussão de mais de um ano, decidiu-se definitivamente adotar peças de 16" (oito peças) para os couraçados *California* e *Tennessee*.

Foi aprovado pelo Congresso o novo programa de construções navais, com algumas alterações; assim, ficou decidido começar-se imediatamente a construção de 4 couraçados, 4 cruzadores de batalha e 4 scouts.

Vão ser embarcados nos couraçados automoveis blindados, montados em jangadas, para desembarques.

França

O couraçado guarda-costas *Henri IV*, de 9:000 toneladas, que prestou excelentes servioos no Mediterraneo oriental, acaba de armar novamente, sendo-lhe dado o mesmo destino. Este navio parece ser o mais bem constrido da armada francesa, sob o ponto de vista da defesa submarina.

Os novos couraçados terão caldeiras de tubos pequenos, queimando 225kg. de carvão por metro quadrado de grelha, as quais satisfazem as necessidades militares de ausencia de fumo e possibilidade de mudanças bruscas de velocidade.

Em consecuencia da necessidade de numerosas esquadrilhas de patrulhas, a França pôz novamente em serviço, os cruzadores protegidos antigos (1888 a 1899) de 2 a 4 mil toneladas e 18 a 20 nós.

A Inglaterra tem proeedido por modo analogo.

Holanda

Estão em construção 3 submarinos em Rotterdam e 1 em Flushiny, de 836 toneladas de deslocamento e 17,5 nós á superficie.

Russia

Dos novos cruzadores de batalha de 32:000 toneladas, 27'' e armados com XII de 14'', *Navarin*, *Borodino*, *Ismail* e *Kinburn*, encontram-se 3 ao serviço, o que torna muito mais importante a esquadra russa do Báltico.

BIBLIOGRAFIA

I—LIVROS

França

- 1 COUSIN (général). *Aide-Mémoire de l'officier d'infanterie en campagne*. In-12, 440 p. avec fig. Henri-Charles-Lavauzelle, 124, Boulevard Saint-Germain, Paris. 9^e édition. 1^{er} mars 1916 Fr. 4
- 2 *Dictionnaire des termes militaires et de l'argot poilu*. In-8, vi-326 p. avec gravures. Imprimerie et librairie Larousse. 1916 (11 avril) Fr. 2,50
- 3 DOUCHEZ (A.). *Guerre de 1914-1915*. Recueil des lois, décrets, circulaires, etc., concernant la France et spécialement l'Algérie. Décembre 1915. In-8, 120 p. Impr.-libr.-édit., Adolphe Jourdan, 1915.
- 4 *Guide (le) médical (Bréviaire médical) du soldat, avec la collaboration de médecins spécialistes, publié sous le patronage du Vestiaire parisien*. 1916. In-16, viii-136 iv, 32 p. et planches, au «Journal des Médecins», 51, boulevard de Vaugirard. Paris
- 5 *Justice militaire. (Dispositions diverses)*. Edition mise à jour des textes en vigueur jusqu'au 15 mars 1916. In-8, 167 p. Henri-Charles-Lavauzelle, 124, boulevard Saint Germain, Paris, 1916 Fr. 1,50
- 6 *Livre (de) du gradé d'artillerie à l'usage des élèves brigadiers et sous-officiers d'artillerie de campagne, contenant toutes les matières nécessaires à l'exercice de leurs fonctions et conforme à tous les règlements parus jusqu'à ce jour*. Edition pour 1915-1916. In-12, 934 p. avec fig. Berger-Levrault, Paris, 1916 Fr. 3
- 7 LORENCEZ (général comte de). *Souvenirs militaires du général comte de Lorencez*, publiés par le baron Pierre de Bourgoing. In 8, 108 p. et portrait. Emile-Paul, éditeur, 100, faubourg Saint-Honoré. Paris.
- 8 *Manuel du gradé de l'artillerie de campagne à l'usage des sous-officiers, brigadiers et élèves brigadiers, des élèves officiers de réserve et des candidats à l'École militaire de l'artillerie*. 24^e édition. 1916. In-12, 811 p. avec fig. Henri-Charles-Lavauzelle, Paris, 124, boulevard Saint-Germain. 1916 Fr. 3
- 9 MORTIMER-MÉCRET. *Guide pratique de l'automobiliste militaire en campagne*. 3^e édition. In-16, 95 p. Publications Mortimer-Mégret, 12 avenue de la Grande Armée. 1915. Paris.
- 10 BOURCET (C. de). *L'Art de la guerre et le Colonel Grouard*. In-16, ii-283 p. Nouvelle Librairie, 11, rue de Médicis. Paris. 1915.
- 11 CHARTON (commandant). *Guide du poilu Avant. Pendant Après*. In-12, 133 p. Henri-Charles-Lavauzelle, Paris. 124, boulevard Saint-Germain. Paris. 1916 Cent. 50
(Pour nos soldats).
- 12 CHAPUIS (commandant F.). *Perfectionnement de l'instruction militaire du soldat pendant la période de guerre, d'après les règlements militaires et les enseignements pratiques de la guerre*. Avec l'autorisation du ministre de la guerre, en date du 23 janvier 1916. In-18, 76 p. libr. Berger-Levrault, Paris, 1916.
(Infanterie et cavalerie. (Service à pied).
- 13 DALLOZ. *Guerre de 1914. Documents officiels. Textes législatifs et rè-*

- glements*. Huitième volume : 15 novembre 1915. 1^{er} janvier. Neuvième volume : 1^{er} janvier-15 février 1916. Publié sous la direction de MM. Gaston Griolet, docteur en droit ; Charles Vergé, maître des requêtes honoraires, avec la collaboration de M. Henry Bourdeaux, juge d'instruction au tribunal de la Seine. Deux volumes in 15. Huitième volume, 336 p. ; neuvième volume, 327 p. Librairie Dalloz (R. de Rigny, administrateur). 11, rue Soufflot. 1916. Paris. Fr. 2 chaque.
- 14 ALGLAVE, professeur à la Faculté de droit de Paris et au Conservatoire des arts et métiers *Problèmes de guerre. Le Droit de la guerre. Autrefois et Aujourd'hui. Comment on paye en temps de guerre.* In-12 91 p. Berger-Levrault, Paris, 1916 Cent. 75.
(Pages d'histoire. 1914-1916. 8^e série, i, N.° 85).
- 15 *Bulletin de l'Association nationale pour la protection des veuves et des orphelins de la guerre de 1914*, (fondée en novembre 1914) (Mars 1916). In-8, 60 p. Impr. de l'Est. Paris, siège social, 21, rue des Bons-Enfants. 1916 Cent. 50
- 16 *Cronologie de la guerre*, par S. R., membre de plusieurs sociétés savantes. Troisième volume. (1^{er} juillet-31 décembre 1915). 2^e mille. In-12, 139 p. Berger-Levrault. Paris Cent. 90.
(Pages d'histoire, 1914-1916. 10^e série, a. 3. N.° 94).
- 17 GUYON (C.) inspecteur d'académie honoraire. *Les Héros des Dardanelles.* 14 gravures. (11 avril). In-16, 48 p. Larousse. 1916 Cent. 11.
(Les Livres roses pour la jeunesse. N.° 175).
- 18 HESS (J.). *Le Mémorial militaire et civique du Sud-Est. pendant la grande guerre.* Histoire illustrée de la région des Alpes-Maritimes et de la principauté de Monaco, Premier Volume. Sommaire : Les Douze-Premier Mois de la guerre. In-8, 137 p. Gay et Fortoul, 22, rue Pertinax. Nice. 1915 Fr. 3.

Inglaterra

- 1 ABBOTT-BROWN (Major C.) *How to Do It.* The A. S. C. Subaltern's and N.C.O.'s Vade Mecum. 32mo, pp. 97. Forster & Groom net 1/
- 2 ATTWOOD (Edward L.) *Text Book of Theoretical Naval Architecture.* Cr. 8vo, pp. 503. Longmans net 9/
- 3 *Battle of Jutland Bank* (The) The Dispatches of Admiral John Jellicoe and Vice Admiral Sir David Beatty. Edited by C. Sanford Terry. Cr. 8vo, pp. 95. Oxford Univ. P. net 6d
- 4 BERRY (James) and other Members of the Unit. *The Story of the Red Cross Unit in Serbia* 8vo, pp. 293. J. & A. Churchill net 6/
- 5 BIGWOOD (George) *The Lancashire Fighting Territorials.* Cr. 8vo, pp. 161. Country Life Library net 1/3
- 6 BRIDGES (T. C.) *On Land and Sea at the Dardanelles.* 2nd ed. Royal 8vo. Collins net 2/6
- 7 BUCHAN (John) *Nelson's History of the War.* Vol. 13. Cr. 8vo, pp. 288 net 1/3
- 8 DAWBARNE (Charles) *France at Bay.* Popular ed. Cr. 8vo, pp. 236. Mills & B. net 2/6
- 9 DOYLE (Arthur Conan) *A Visit to Three Fronts.* June, 1916. 18mo, pp. 79. Hodder & S. net 6d
- 10 *Great Advance* (The) Cr. 8vo, pp. 183. Cassell & Co net 1/
- 11 *Great War* (The) Vol. 6. Pp. 560. The Amalgamated Press net 12/ 14/
- 12 GREEN (Arthur) *The Story of a Prisoner of War.* 18mo, swd., pp. 104. Chatto & W. net 1/
- 13 HALL (James Norman) Kitchener's Mob. *The Adventures of an American in the British Army.* Cr. 8vo, pp. 201. Constable net 4/6
- 14 HALL (Robert Sapper) «Somewhere». *The Soldier Books.* Cr. 8vo, pp. 156. Hodder & S. net 1/
- 15 HELLIER (F.) *Colonials in Khaki.* Cr. 8vo, pp. 127. Murray & Evenden net 1/

- 16 HUARD (Frances Wilson) *My Home in the Field of Honour*. With Drawings by Charles Huard. Cr. 8vo, pp. 302. *Hodder & S.* net 6/
- 17 *Instructional Handbook of the «303» Lewis Automatic Machine Gun*. Compiled by Company-Sgt.-Major Instructor P. M. Hicks. 12mo, pp. 44. *W. S. Paine* (Hythe) net 1/
- 18 JOHNSTON (D. J.) *Hand Book of the Colt Gun*. 2nd ed. 8vo, swd., pp. 30. *W. S. Paine* (Hythe) net 1/6
- 19 LEASK (G. A.) V.C. *Heroes of the Great War*. Cr. 8vo, pp. 301. *Harrap* 3/6
- 20 LEYLAND (John) *Souvenir of the Great Battle and Roll of Honour*. Folio, pp. 32. *United Newspaper Co.* net 7d
- 21 MCCUSTRA (L. Trooper) *Gallipoli, Days and Nights. The Soldier Books*. Cr. 8vo, pp. 150. *Hodder & S.* net 1/
- 22 *Map Reading and Panorama Sketching*. By an Instructor. Cr. 8vo, pp. 61. *Sifton Praed & Co.* net 3/
- 23 NEWLANDS (J. C.) *Voice Production for Commands*. 32mo, swd., pp. 16. *Turnbull & Spears* net 6d
- 24 ROUSTAN-BEK (Lieut.-Col.) *Aerial Russia. The Romance of the Giant Aeroplane*. Cr. 8vo, pp. 170. *J. Lane* net 2/6
- 25 SOLDIER MOODS. *By the Author of «A Soldier Son»* 16mo, swd., pp. 30. *Dryden Publ. Co.* net 6d
- 26 *Soldiers and Sailors' Rights*. 16mo, pp. 128. *Hulton & Co.* net 1/
- 27 SOMVILLE (Gustave) *The Road to Liège. The Path of Crime*, August, 1914. Translated by Bernard Miall. Cr. 8vo, pp. 310. *Hodder & S.* net 3/6
- 28 *Swedish Drill at a Glance. A Handbook for Soldiers, Sailors. Boy Scouts, Schools, Church Lads' Brigades, etc.* By Staff-Sgt.-Instructor. 18mo, swd., pp. 48. «*The Field*» net 6d
- 29 WASHBURN (Stanley) *Victory in Defeat. The Agony of Warsaw and the Russian Retreat*. Cr. 8vo, pp. 180. *Constable* net 4/6
- 30 WATTS (Col. C. N.) *Notes on Street Fighting*. 32mo, pp. 28. *Forster Groom* net 6d

II — PERIODICOS

Portugal

- 1 *Anais do Club militar naval*, n.º 8 de agosto de 1916. A elasticidade do casco e o deslocamento do navio. Administração nava em tempo de guerra. Estudo tático do navio. Os acontecimentos da actual conflagração. Marinhas militares.
- 2 *Boletim de administração militar*, n.º 9 de setembro de 1916. Finanças de guerra — III — Na campanha anglo-boer. As companhias de automoveis nos grupos de administração militar. As subsistencias no exercito anglo-luso durante a Guerra peninsular — Talavera, 1809. Notícia historica do pessoal e serviços de administração militar. Administração militar em campanha; revisão de regulamentos. Cosinhas de campanha. Administração militar em Inglaterra. Instrução tática das tropas de administração militar. Projecto de constituição dos conselhos administrativos.
- 3 *O Instituto*, n.º 9 de setembro de 1916. Caligrafos e iluminadores portugueses. Memorias de Carnide. O Fausto de Goethe. Memorias archeologico-historicas do districto de Bragança. Antigos pintores da comarca de Vila da Horta da ilha do Faial Historia da instituição da Santa Ordem de Cavalaria e das ordens militares em Portugal.
- 4 *O Oriente portuguez*, n.ºs 7 e 8 de julho e agosto de 1906. O general Antonio de Figueiredo e Utra. Pérolas do Oriente. Documentos do arquivo de Fazenda. Uma fase epidemica em Damão. Epitafios nas igrejas de Mapuçá e Candolim. Montepio militar na India. Varia Variorum.

- 5 *Revista de artilharia*, n.º 146 de agosto de 1916. José Manuel Rodrigues e a sua obra. A tactica e a tecnica da artilharia de campanha. Retalhos da guerra. O colegio militar.
- 6 *Revista de medicina veterinaria*, n.º 175 de setembro de 1916. Ensino medico-veterinario. Telegrama dos alunos veterinarios. Carta do aluno Roberto Antonio da Silva. Carta do professor Idalino Rodrigues Gondim. Uma explicação. Medicina veterinaria colonial. Exterior dos animais domesticos. Fundação da Sociedade Portuguesa de Medicina Veterinaria. O mormo em Portugal.
- 7 *Revista dos sargentos portugueses*, n.ºs 17 e 18 de 15 e 30 de setembro de 1916. Os sargentos e a carestia da vida. Promoções. Officiaes auxiliares maquinistas. Os segundos sargentos artifices no exercito. Anistia para as forças coloniais. Os sargentos coloniais. Coisas hipicas. Exemplos de fóra. A alimentação dos doentes no Hospital de Marinha. Queixumes legitimos. Boletim militar das colonias. Exercito colonial. Sargentos reformados do Ultramar. Sargentos enfermeiros das colonias. Promoções na artilharia. Sem ofensas.

Argentina

- 1 *Revista militar*, n.º 283 de agosto de 1916. Trabajos de ingenieros. Los heroes de la tragedia. Jurisprudencia militar — Favores pecuniarios e honorificos. La fortificación y los ingenieros. Remonta del Estado para el ejercito.

Brazil

- 1 *Boletim mensal do Estado maior do exercito*, n.º 2 de agosto de 1916. Administração militar. Prophylaxia do mormo. Papel social do escontismo. Alimentação e reabastecimento dos exercitos em campanha. Noticiario.
- 2 *Revista maritima brasileira*, n.ºs 11 e 12 de maio e junho de 1916. Introdução ao relatorio do ministerio da marinha. Grande estado maior naval. Os modernos aparelhos. Os submersiveis na presente guerra. Exame da situação. Schisto petrolifero de Alagoas.

Chile

- 1 *Revista de marina*, n.º 354 de julho-agosto de 1916. Aceite combustible. El rol de la doctrina en la guerra naval. Precision del tiro. Artilheria de costa. Apuntes sobre jiroscopios para torpedos i su regulacion. Determinación de los errores del sextante por medio de distancias artillares. Aceites lubricantes.

Colombia

- 1 *Memorial del Estado Mayor del ejercito*, n.º 49 de julho de 1916. Disciplina, mando y obediencia. La preparación de la guerra. El levantamiento de un croquis general del país. Adiestramiento del caballo de guerra. Primer ardil de guerra de Napoleón I. Modernos cañones y ametralladoras. Descripción de la ametralladora Schmarzlose, modelo 1913. La organización del alto mando del ejercito en campaña de Austria-Hungria. Del campo de batalla a la ambulancia.

Cuba

- 1 *Boletín del ejército*, n.º de agosto de 1916. Aclimatacion de ganado. Escuela militar — Plan de estudios, etc. El ejército argentino. Ejercicios de combate para caballeria. La batalla de Verdun. Guerra de montaña. La geologia de los «viajes de reconocimiento» por la cabal-

leria. Los servicios del Estado mayor del ejercito. Administracion militar.

Espanha

- 1 *Boletin de intendencia e intervencion militares*, n.º 58 de setembro de 1916. Reformas de guerra. Los ejercitos de Carlos V Emperador juzgados por los embajadores italianos. La tienda individual. La ración tipo.
- 2 *Estudios militares*, n.º 3 de setembro de 1916. La guerra europea : Crónica politico-militar. El enlace de las armas con aplicación al estudio tactico de una campaña moderna. Apuntes históricos (1914-1916). Servicio del tren en los principales ejercitos modernos.
- 3 *La guerra y su preparacion*, n.º 5 de setembro de 1916. El Ministerio de la guerra de Japon. Métodos de ataque de la Infanteria alemana. Los pelotones de granaderos en el ejercito ingles. Las secciones de ametralladoras en la caballeria alemana. Los oficiales de reserva, segun la nueva ley de reorganización del ejercito de los Estados-Unidos. Hospitalización de los internados, enfermos y heridos, en Suiza. La aviacion en el ejercito francés. Oficialidad de complemento en Italia. Una visita al ejercito portugués. Valor relativo del personal y material en la organizacion de los ejercitos. Reclutamiento de oficiales con destino a cubrir bajas en Francia. La enfermedad del aire : sus sintomas y manera de remediarlos. El alcance maximo de los cañones modernos. Extracto da ley francesa relativa à los inventos que interesan à la defensa nacional.
- 4 *Memorial de artilleria*, n.º de agosto e setembro de 1916. El tiro de varias alzas en nuestras baterias de campaña empleado en los casos generales. La electroquímica en las aleaciones del cobre. Caballos para el servicio de la artilleria en España. El horno electrico. La artilleria pesada de campaña. Cronica.
- 5 *Memorial de caballeria*, n.º de setembro de 1916. Una opinión acerca del Arma de caballeria. La caballeria. El espirito del jinete. La guerra moderna : Los gazes asfixiantes e deleterios. Posicion del jinete militar. Viaje de instrucciones en la 6.ª Región. Defensa de la provincia de Cadix. Crónica de la guerra.
- 6 *Memorial de infantaria*, n.º 56 de setembro de 1916. Los enlaces en el campo de batalla. Descripción de los gemelos reglamentarios en infanteria e instrucciones acerca de su manejo. La anatomia y fisiologia humanas en el ejercito. El batallón, unidad de infanteria. Los españoles en Africa. Estudio geográfico de los Montes de Toledo. Miscelanea.
- 7 *Revista tecnica de infanteria y caballeria*, n.º de 1 e 15 de setembro de 1916. Flores del heroismo. Obras geografico estrategicas. Estudios de estrategia y tactica militar. De la guerra mundial — Impresiones hispanófilas. El marqués de la Romana. Manuel Figueras de Santa Cruz. Belgica en la contienda actual. La escuela ante la guerra o el triunfo de la educación. La obra militar de la Revolución francesa.

Estados Unidos

- 1 *International Military Digest*, vol. 2.º, n.º 9 (setembro).

Italia

- 1 *Rivista di artiglieria e genio*, n.º de maio-junho de 1916. La fortificazione nelle strategie del XII secolo. Il bastione ardeatino a Roma. Riasunto delle nostre operazioni militare. Circa il parallelismo dei piani di tiro di tutte le batteria di un gruppo di artiglieria de campagna. Echi a scene della grande guerra. Ancora del fenomeno acustico del «colpo deffo» nello sparo dei fucili e dei cannoni. Esperimenti di tra-

zione meccanica di artiglierie negli Stati Uniti. Proiettori fortatilli. Dati e cenni su materiali dell' artiglieria austro-tanganica.

- 2 *Rivista di cavalleria*, de 15 de setembro de 1916. Forza numerica degli Ufficiali dell' Arma di Cavalleria. De un Mese all' Altro. La battaglia della Marna in un libro tedesco! Guida per lo studio del Regolamento dell' Arma di Cavalleria. Cronisteria delle azioni della cavalleria nella guerra delle nazioni. Necrologio superbo delle «Guide». Ricordiamo un Prode.

Mexico

- 1 *Revista del ejercito y marina*, n.º 10 de agosto 1916. Una leccion de psicologia. Iniciativa sobre uniformes. Las estrofas del himno y las ecuaciones de la estrategia. Derecho militar. Ideas sobre higiene militar. Guerra europea. Liger apunte sobre reconocimientos militares. La geologia, ciencia militar. Dificultad del tiro contra aeroplanos. Instrucción moral del tirador. El hidro-sk-risso. Acorazados insumergibles. Mexico y Japon
- 2 *Tohtli*, n.º 7 e 8 de julho e agosto de 1916. La aviación como factor de la Union. Reñeña grafica de la Inauguración de las Prácticas de tiro al blanco por los alumnos de la Escuela nacional de aviacion. El ascenso y descenso en aeroplano. El vuelo natural y el vuelo humano. Conferencia demostrativa sobre el arte del vuelo practico. Progresos recientes de la aeronáutica militar. Seleccíon de aviadores. Literatura mexicana. Mis impresiones. De Yankilandia. Chapultepec, setiembre 13. Escuela—Notas. El aeroplano en Mexico. El aeroplano en Europa. La guerra aerea. La velocidad del aeroplano en función de la potencia. Conferencia demostrativa sobre el arte del vuelo practico. Biplano militar tractor tipo «Wright» «L-20». De cómo «La Peri» demostró lo que era volar a una cotorra que sólo hablaba desde la estaca. Leslie's Weekly.

Noruega

- 1 *Norsk militært tidsskrift*, n.º de agosto de 1916. Det engelske skyttergroviystem ved fronten. Krigen XV. Haandgranater. Gaskrigen.

Peru

- 1 *Boletin del Ministerio de guerra y marina*, n.º de julho de 1916. Conferencias en la Academia de Estado-Mayor (3.º de Sanidad, 4.º de los suplementarios de Caballeria, 5.º de Administracion). Preparación del tiro. Un viejo articulo—Previsiones sobre el carácter de la guerra actual. La organización del ejercito chileno en la guerra del Pacifico. El municiamiento de la artilleria moderna.

Suissa

- 1 *Revue militaire suisse*, n.ºs 8 e 9 de agosto de 1916. A propos de la bataille de la Marne. La conscience chrétienne et l'armée. Impressions du front austro-hongrois. Balle et baïonnette. Réception de nouvel-an, généraux et politique.

